

DICCO

MUNDIAL

1
ESC.



— Que pequena
tão apetitosa!...
— Vê lá se não
fantaste já em casa!



RISO MUNDIAL

N.º 30 * 10 DE FEVEREIRO DE 1948

Director (interino) e proprietário: *Jerónimo Pinteus de Sousa*
Editor (interino): *José Roussado Pinto*
Redactor Principal: *Fernando dos Santos (Santos Fernando)*
Redacção e Administração: *Rua de Sant'Ana á Lapa, 15*
Composição e Impressão: *Edições «O Mosquito», Lda.*
Distribuidor geral: *Editorial Organizações, Lda., Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Telefone 27507 — LISBOA*

Artigo do fundo do coração

TRINTA e duas páginas! Quarenta e oito meias páginas! Noventa e seis quartos de página!!! E tudo isto por DEZ TOSTÕES — dez moedas de tostão, cinco de dois tostões, duas de cinco tostões, vinte de meio tostão!!!

«RISO MUNDIAL» cumpriu a sua palavra. O leitor tem, hoje, muito por onde escolher: o bazar abarrotado de coisas novas, fresquinhas!

Verso e prosa, prosa e verso; contos e peças, peças e contos; bonecas e bonecos, bonecos e... (não queria mais nada?).

Pois é verdade, amigo leitor e simpática (simpática, simpática!!!) leitora! Hoje o «Riso» está de parabéns! Temos recebido telefonemas de toda a parte, inclusivamente da Companhia a dizer que nos vai cortar o «fala-tório» se não pagamos a nota!

Cartas, bilhetes postais, telegramas, chovem do teto. Hoje até o carteiro faz serão! Ainda o jornal estava na máquina já se encontrava literalmente esgotado!

Hoje, todos nos mascarámos! O director, de Fakir; o proprietário, a meias com o director, de Rajá; o editor, de Napoleão e Ti Ana, ao mesmo tempo; e eu, sim eu também sou gente. Eu e o nosso caricaturista mascaramo-nos á pin! (Não é isso que estão a pensar, não senhor!). Mascaramo-nos á pintores!

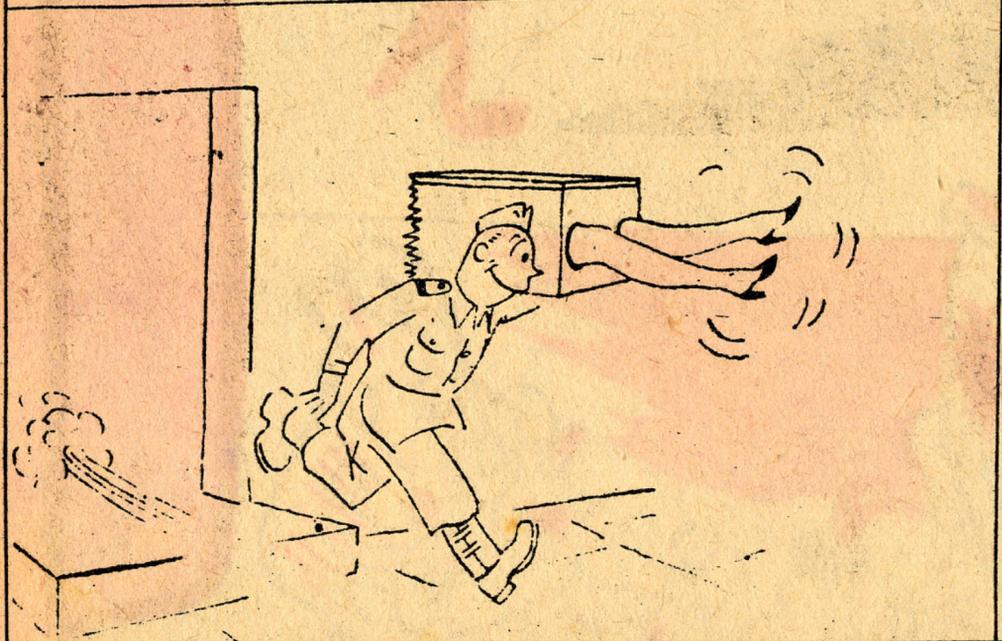
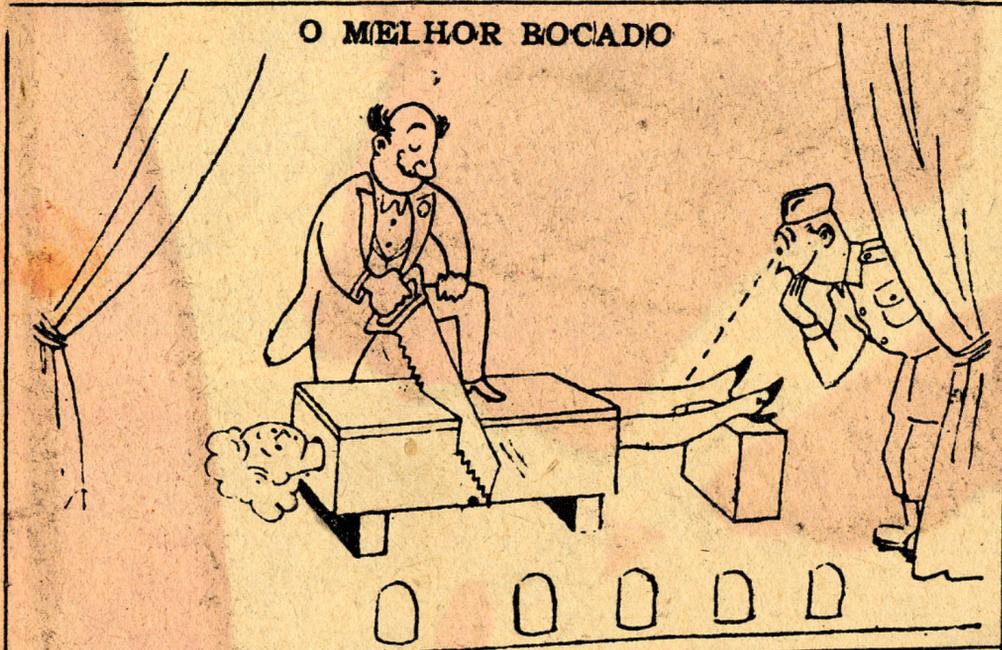
Leitor, não percas mais tempo, lê, ri, passa a outra página, e a outra, e todas as outras, e quando chegares ao fim... com o riso, vê lá se te acontece alguma!...



René Calle

— Eu não me importo de mostrar as pernas, mas faça favor de virar para lá a cara, para eu tirar o vestido...

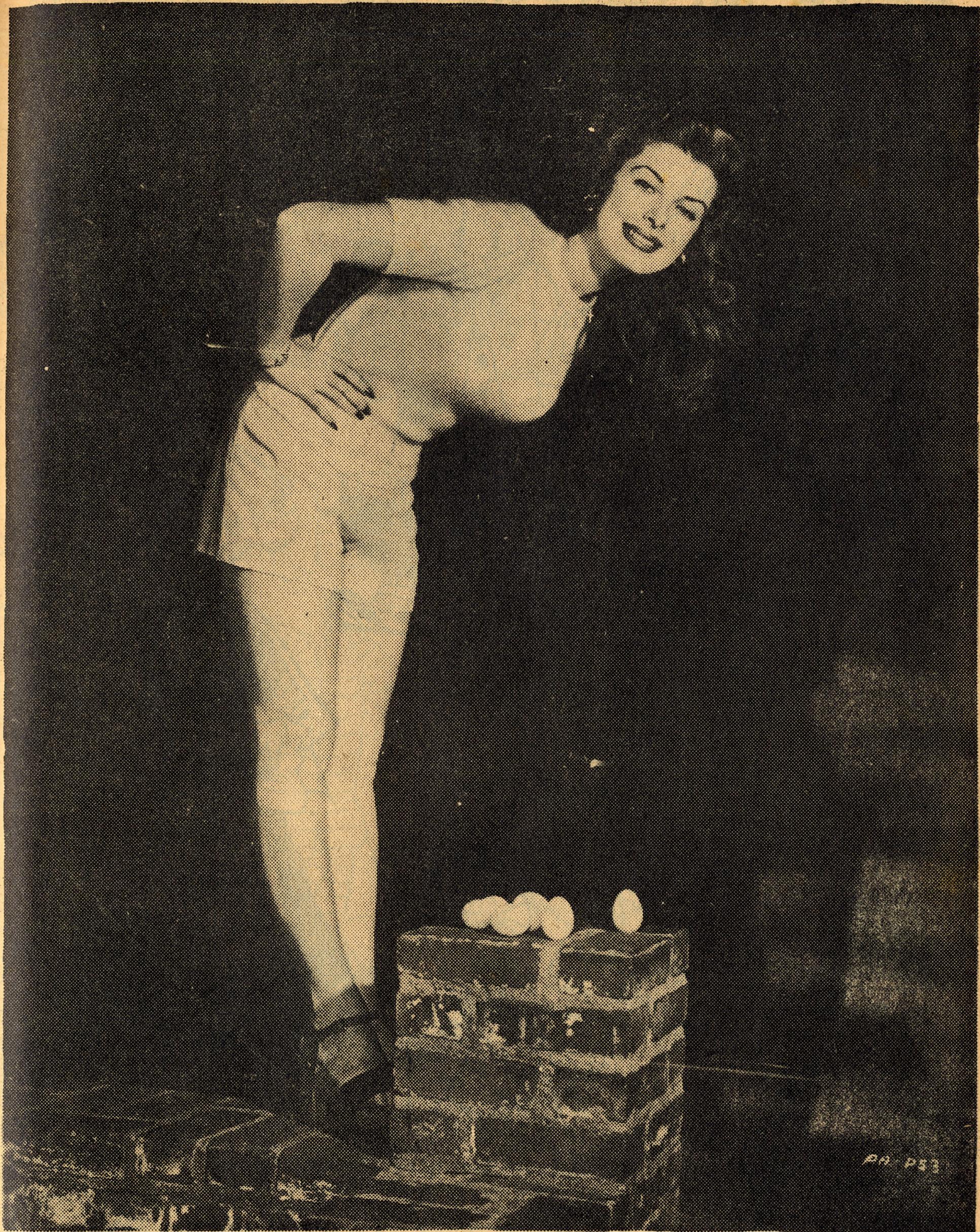
O MELHOR BOCADO



— O que procura ele?
— Não sabe onde deixou cair a pastilha elástica...

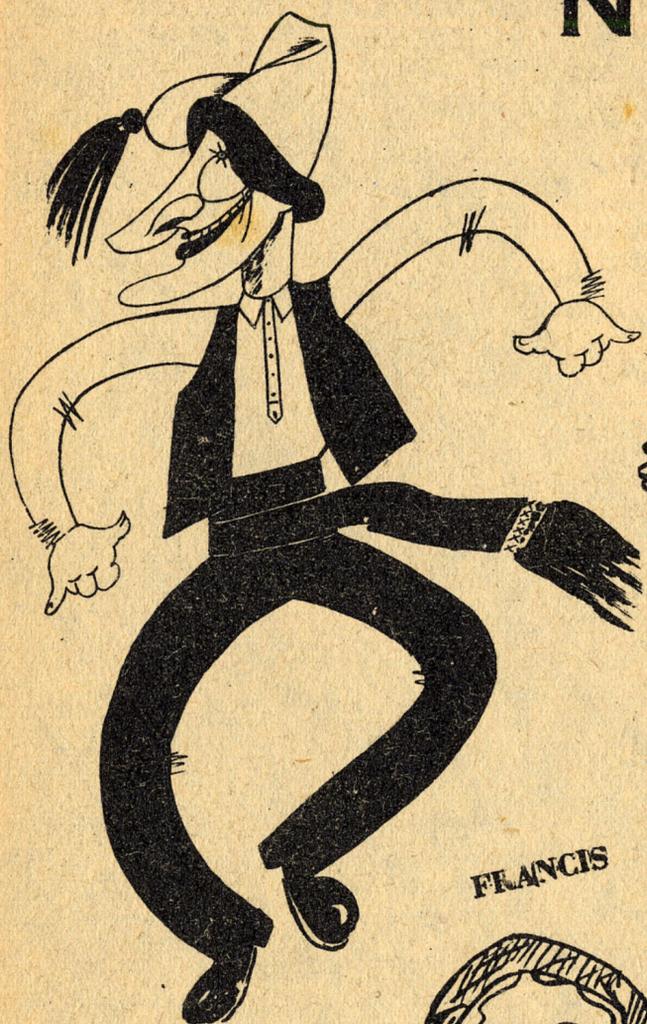
*** SECIDIOD ***

IEUGLUJ ACNUN UE EUQ ARNOH ED ARVALAP
ED SABRAB SAN ,ED ZAPAC ESSOF .AXE.V EUQ
-MOC ASIOC AMU REL A RATSE ,ETNEG ATNAT
!ATOIDI ETNEMATLP
OTNATNE ON AÇEBAC MEN SÉP MET OÂN OTSI
!AHNIM APLUC E EUQ ROTIEL O EUGLUJ OÂN
-AC AHNIM A É ODOT OTSID APLUC MET MEUQ
.ADAIRAVA ADNA EJOH EUQ ATEN
É :OTNEMADNUF MU MET OTSI ,AIVADOT
-LAUQ RALAF A OTPA ROTIEL ODAMITSE O RÓP
.ARIEGNARTSE AUGNÍL REUQ
IOGAMARAS E AID MOB OÁZAR A ADACILPXE
ARAT MOD



Foi esta a pequena que ensinou Cristóvão Colombo a pôr os ovos em pé

COMO NORTON OS APANHOU NO BAILE!...



FRANCIS



EU



LAURA ALVES,



AMÉLIA REI COLAÇO,



AMÁLIA RODRIGUES,



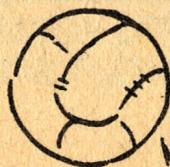
ESTEVÃO AMARANTE,



ERICO BRAGA,



AZEVEDO,





A biografia da semana

O senhor ENTRUDO nasceu há muitos anos, mostrando, logo de nascença, grande predilecção para a malcriadice. Apanhou o mau costume de introduzir os dedos no nariz e onde calhava, daí o mau hábito de viver, eternamente, envolvido na porcaria.

Tornou-se respondão, descarado para com as senhoras e duma personalidade tão vincada que conseguiu infiltrar-se na Sociedade ao ponto de todos os anos lhe reservarem três dias. O menino cresceu, cada vez mais bruto, cada vez mais malcriado e veio até aos nossos dias.

Espera viver eternamente e diz-nos que ainda há-de ser três biliões de vezes mais bruto do que tem sido até aqui!

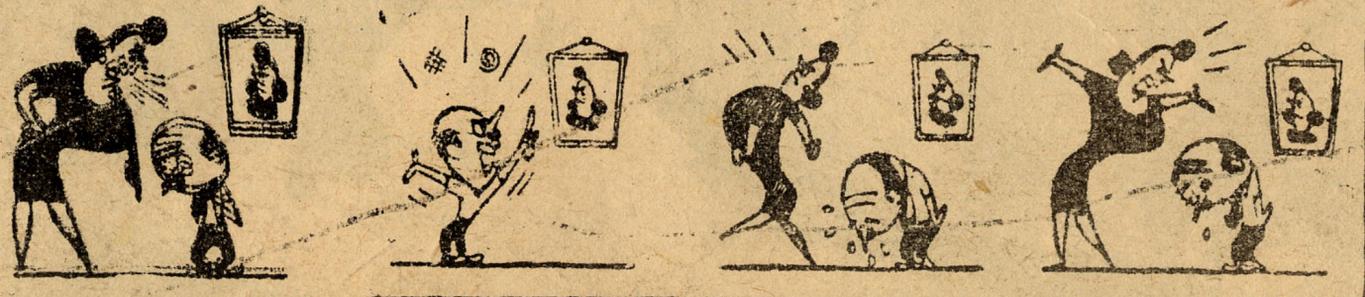
Para terminar, dizemos, a título informativo, que o senhor Entrudo é cosmopolita e ubíquo, isto é, está e vai para toda a parte...



— Que vem a ser isto?
 — A minha contribuição para melhorar o rancho!...

A semana da porcaria

Sim, estamos na semana da porcaria. Toda a gente julga que por ser Carnaval se pode deitar tudo para a rua: cascas de ovos, cascas de batata, cascas de cebola, cascas de banana, cascas de laranja, cascas de côco, cascas de alho, cascas de castanha, cascas de amendoim, enfim, todas as «cascas» que lá há por casa! A' mistura, vêm bocados de madeira, ferros de engomar que passaram á reforma, as águas — e ó que águas — e tudo o que há á mão. E' Carnaval, de modo que não faz mal nenhum dar com um ferro da cama no toutiço duma pessoa ou um banho de água suja na farpela limpa! Isso não é bem assim, minhas senhoras! O melhor será guardar o estrume em casa para adubar as peugas!...





BAR

RESTAURANTE

ISCAS
COM
ELAS

RUA
RISO

BAR

VINHOS

VOM
BIBINHO

COMPRE
O RISO E VÁ
A PÉ

13

GRACA

ESGOTADO

BRAGA

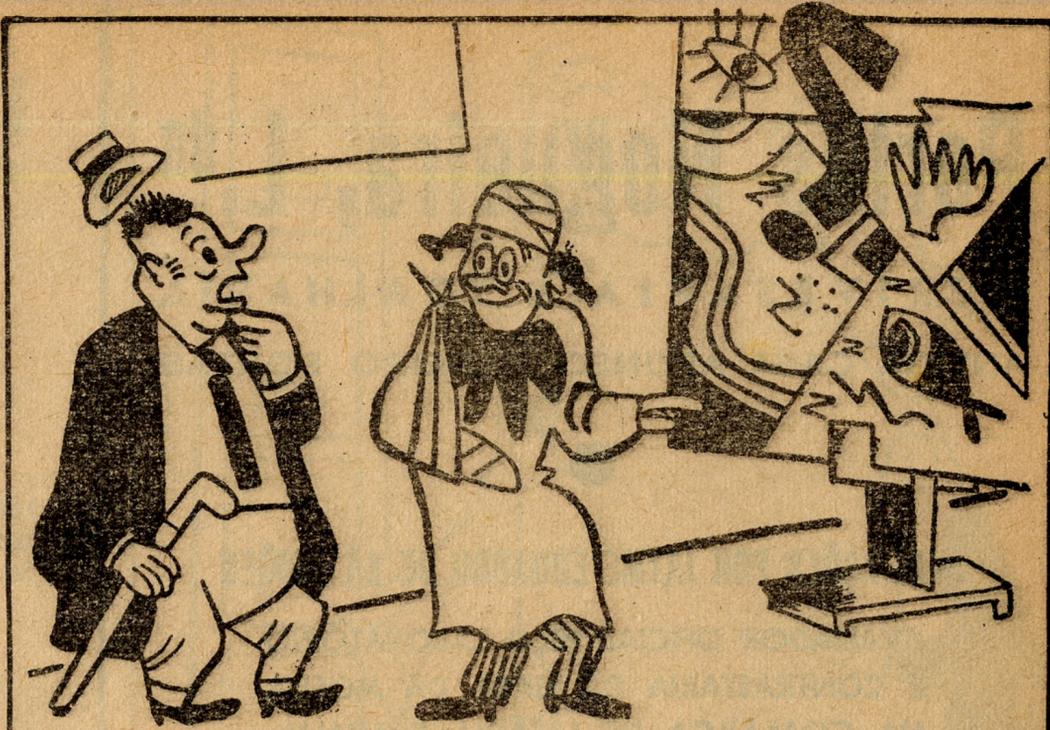
CARNAVAL...

Colheres de pau, serpentinas, rebugados e cebolas para partir as cacholas das senhoras e meninas, Papelinhos e bisnagas com perfume das sargetas, confettis e confetões bigodes, peras, lunetas, pedrinhas e matações, nabos... nas costas, claro, onde é que havia de ser!? Cascas de ovo, porque os ovos ninguém está para os perder! Cégadas com pedinchões: matulonas, matulões mascarados do avesso! Pierrots muito manhosos, «smokings» todos sebosos que há cem anos que conheço. Lotações sempre esgotadas p'ra ver grandes charopadas e sem piada nenhuma! Damas que ficam em casa outras que saem á rua para dar ar á «pluma»! Há pózinhos de espilrar, garrafinhas de mau cheiro, barulho, trolha, chiqueiro, pimenta nos mexilhões, assaltos, ceias, partidas: baile até de madrugada, pisadelas, apalpões, nas carteiras bem escondidas! Há estopa dentro do pão, no fricassé alcatrão! «Aquelas santas» também se mascaram de diabos só para terem o gosto de nas outras por os rabos. Sacos, saquinhos, sacões, milho, farinha, feijões; cimento armado e areia, guloseimas, diarreia, autoclismos estragados, os «W. C.» esgotados, musica a metro, decímetro; as damas a taxímetro; palhaços e os «faz-tudos», cavalheiros muito barbudos com um gorro na cabeça!... ..Saliências... do diabo! Rostos tapados — Ai filhas que feias as mascarilhas que não deixam ver as «latas»! «Champagne», tinto, palhete, os homens andam de gatas a caminho do bufete! E as senhoras respeitáveis mal dispostas mas afáveis a caminho da... toilette!

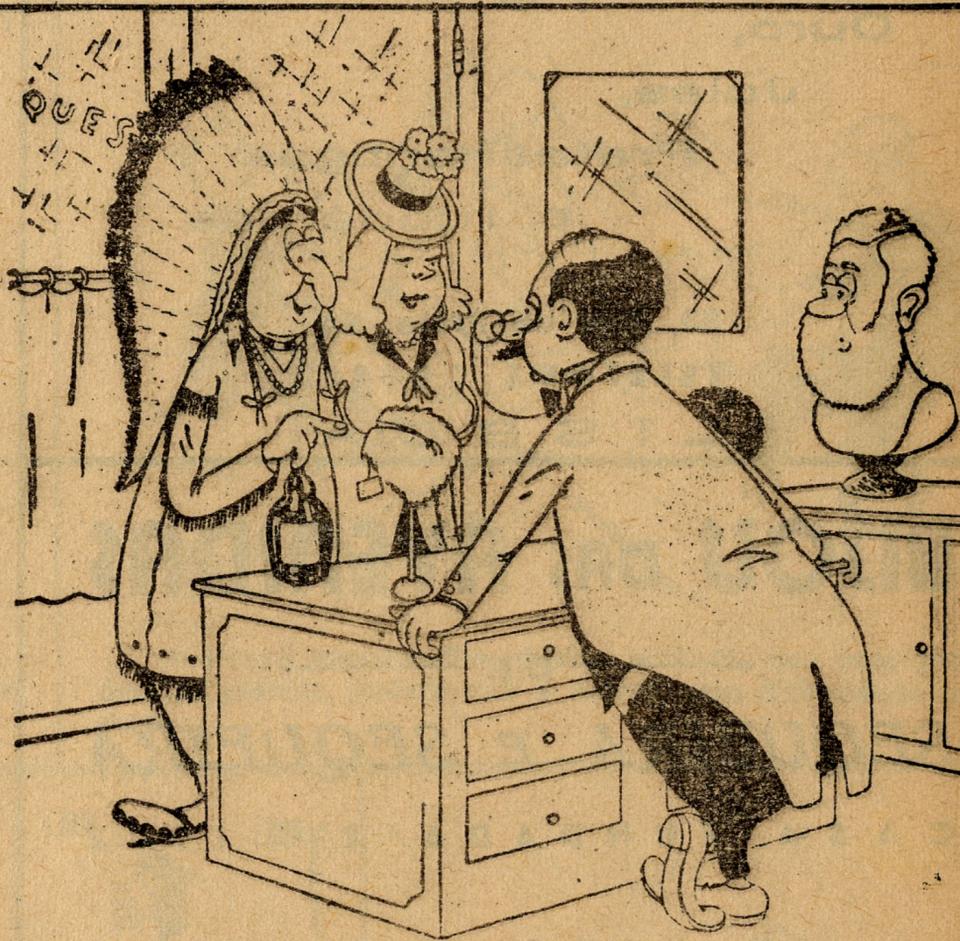
SANTOS FERNANDO



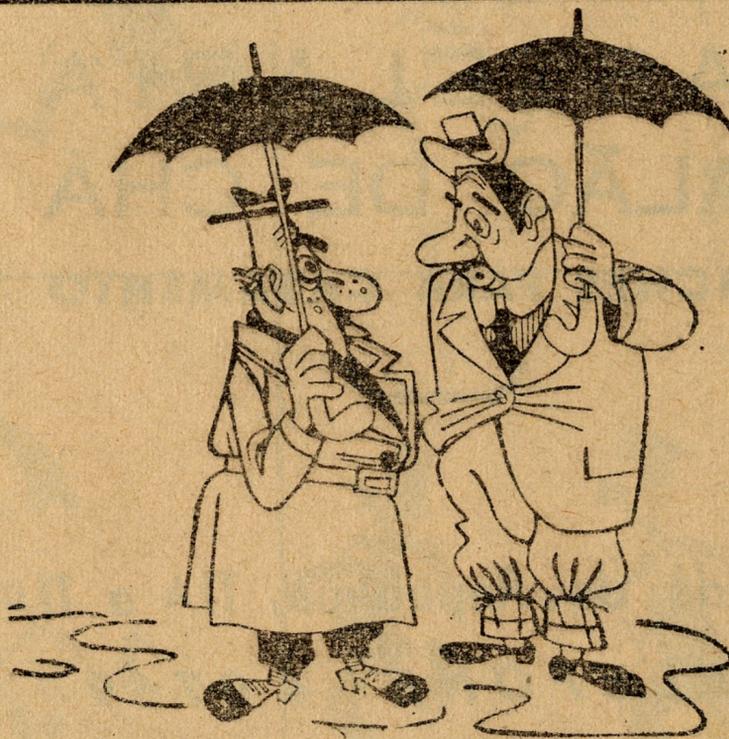
— Ele diz que bebe para esquecer!
— Veja lá mas é se ele se esquece de pagar a conta...



— O senhor é a primeira pessoa a quem mostro este quadro.
— A primeira?
— E quem o deixou nesse estado?



— E não me ficaria bem um traje de Hawaiana?
— Oh... ne... Lulu...



— Para que amarra você as calças, é para andar de bicicleta?
— Não. é para não perder o botão do colarinho.

Portas Nogueira, L.^{da}

OUIVESARIA E JOALHARIA
ANTIGA CASA AFONSO FABEIRO PORTAS

●
AVALIAÇÕES POR JAYME EDUARDO DE SÁ SIMÕES

AVALIADOR OFICIAL PELO LABORATÓRIO
E CONTRASTARIA DA CASA DA MOEDA
NA COMARCA DE LISBOA E AVALIA-
DOR PRIVATIVO DO MONTEPIO GERAL

●
Ouro,
Joias,
Pratas antigas
e modernas

83, Rua da Prata, 85
TELEFONE 28446
L I S B O A



DROGAS,
PRODUTOS
QUIMICOS
E OLEOS
ESSENCIAIS



Raposo, Sobrinhos,
Limitada

CASA EM 1840

IMPORTADORES ~ EXPORTADORES

END. TELEG.
RASOL-LISBOA



ARMAZENS

ESCRITÓRIOS

10, Largo de S. Julião, 11

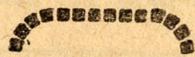
Largo de S. Julião, 12, 1.º

BIJOU DAS AVENIDAS

DE

SEQUEIRA E SEQUEIRA

CASA FUNDADA EM 1902



PASTELARIA
SALÃO DE CHÁ
LANCHES PARA CASAMENTO



Avenida da Republica, 11A e 11D
TELEFONE: 4 0749

Sem POTASSA

não há boas colheitas

PRODUÇÕES

máximas e lucrativas

só se conseguem
aplicando em
todas as culturas
doses suficientes
de ADUBO POTASSICO

PROPAGANDA E INFORMAÇÕES:

Avenida da Liberdade, 3-2.º — LISBOA — Telefone: 2 0813

Rua Rodrigues Sampalo, 194-2.º — PORTO — Telef. 2 2166

A LILI E O LULÚ

Monólogo infantil, muito aconselhado para festas familiares ou para colégios.

Há dias, o bom titi
Perguntou: «Olha, Lili:
Quem fez no chão o chichi,
Foi a Lili?... Foste tu?...»

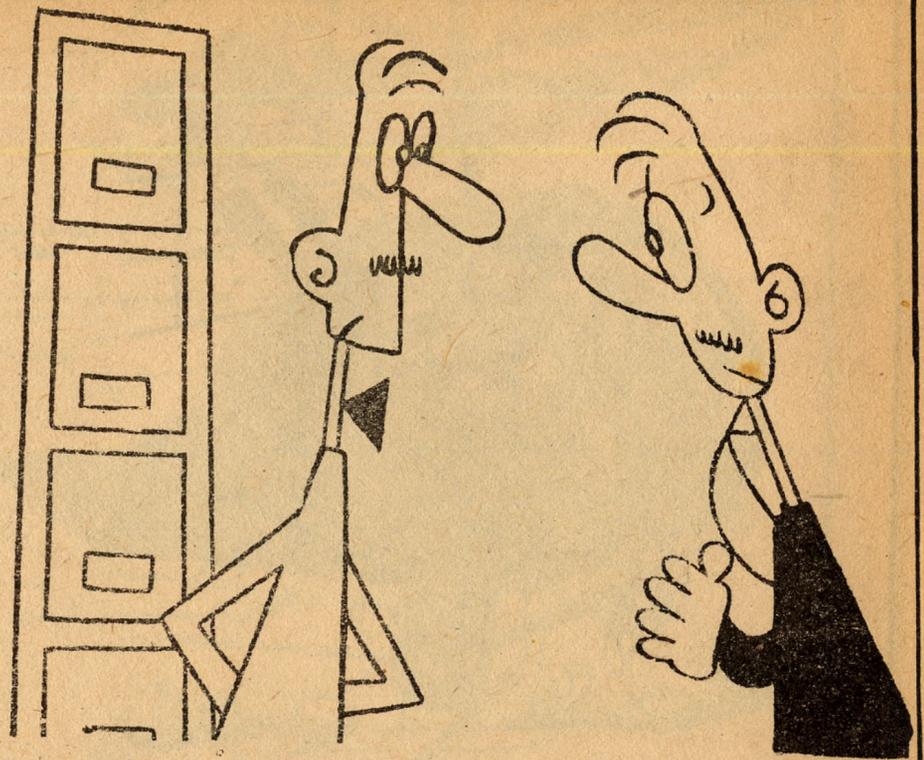
Não fui eu, foi a Lili!
—Respondeu logo o Lulu.
—«Ai ela fez isso aqui?!...
Vai apanhar no tutu!...»
O garoto salta e ri

—Mas que grande gabiru!
—Enquanto a pobre Lili
Se entrega toda ao amuio
Dias depois, a Lili

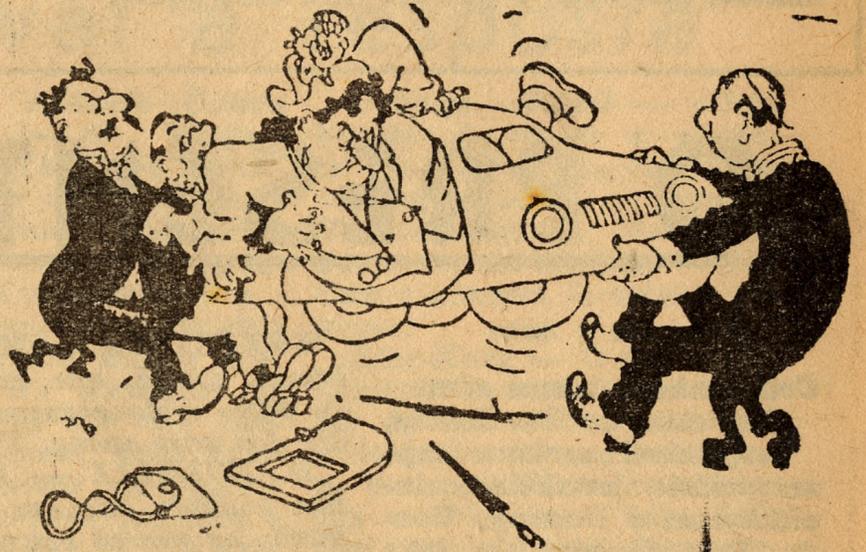
Diz ao priminho Lulu:
—«Eu cá não fiz o chichi...
Mas apanhei no tutu!...»
Ambos tiveram razão

Em negar esse chichi,
Pois o autor foi um cão
Que se chamava tótó.
Que se chamava Tótó.
Porque Lulu e Lili...
Esses só fazem cócó!...

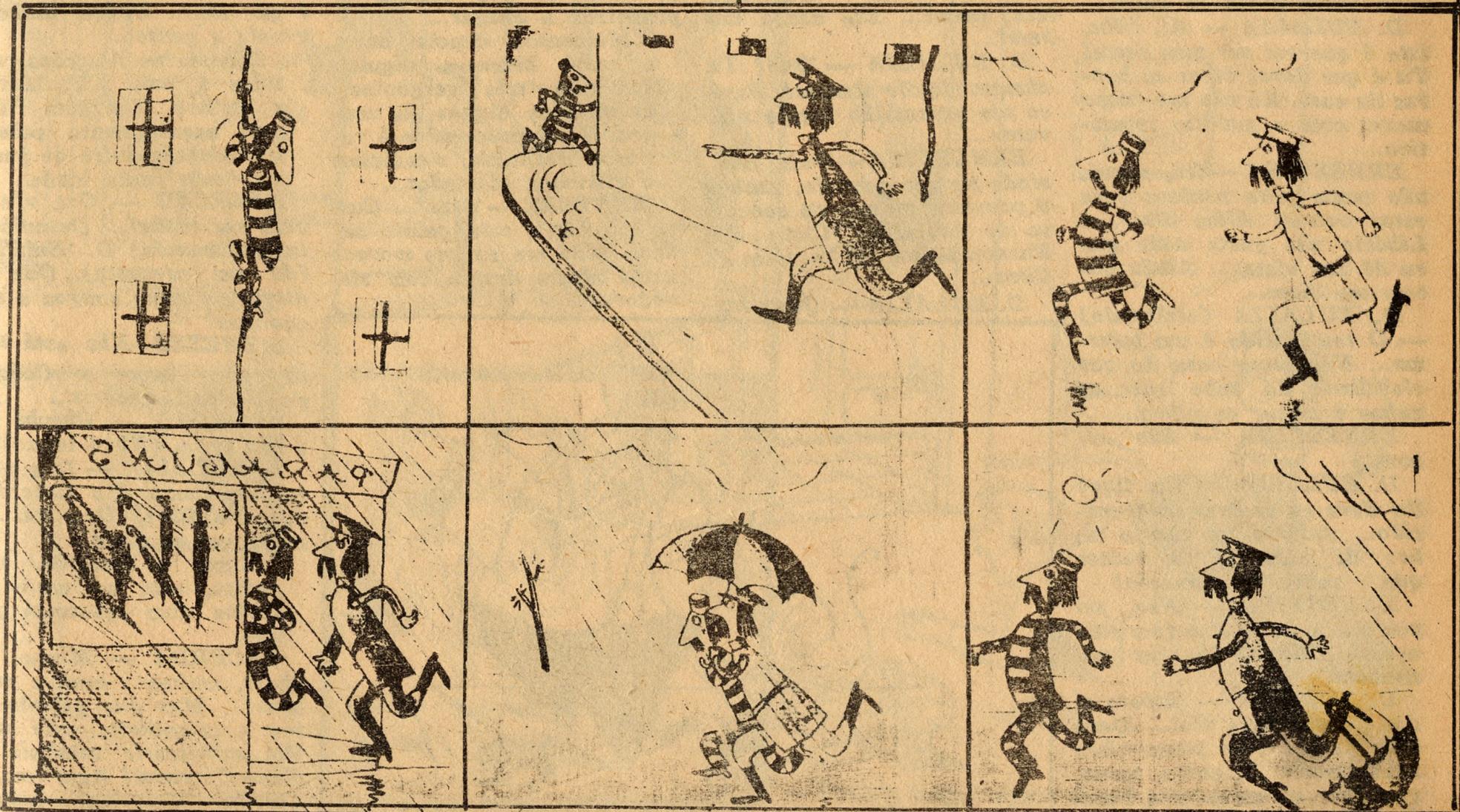
José Descarado

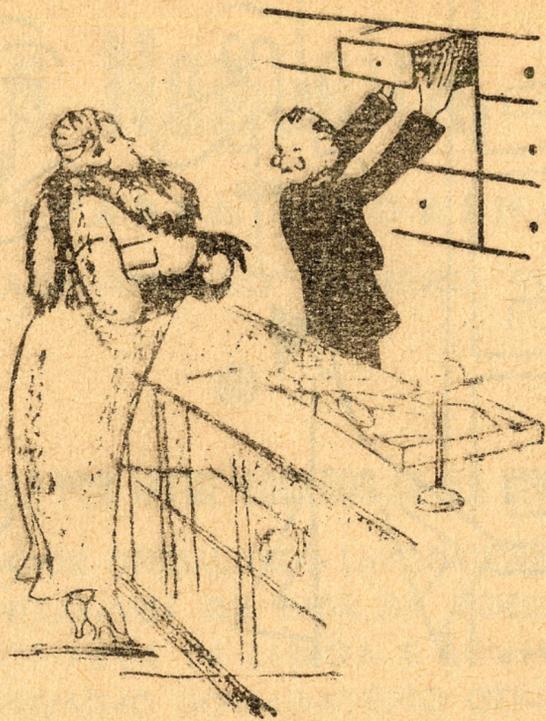


—Estou muito preocupado, doutor! Esta noite tive um sonho em tecnicolor!

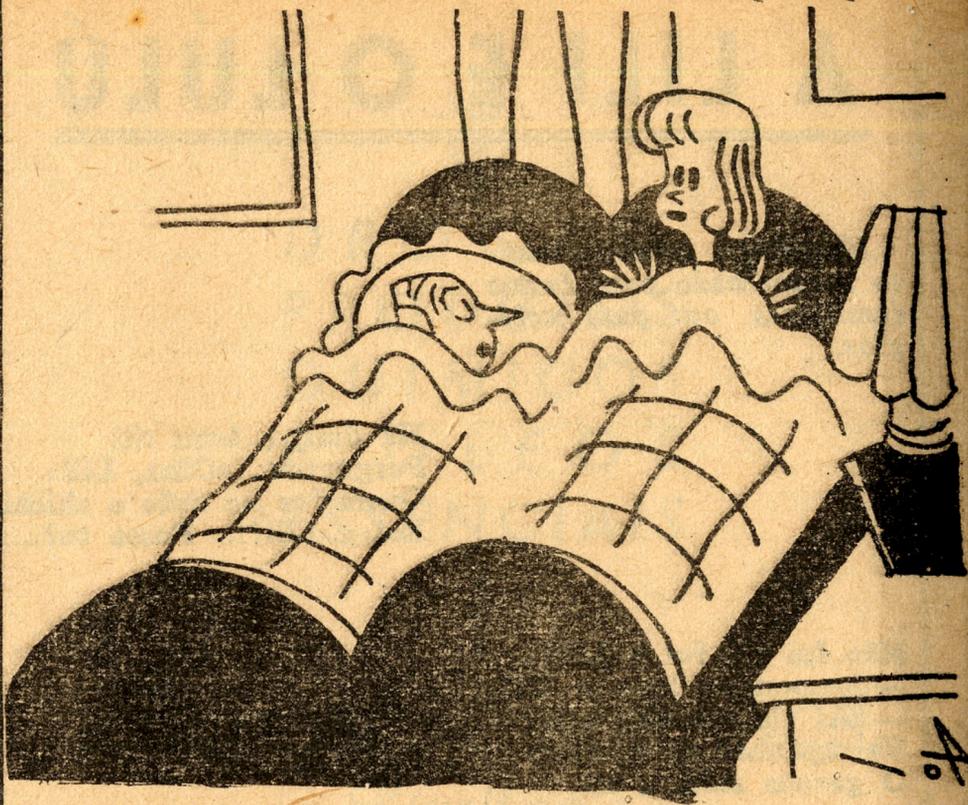


—Posso garantir-lhe, minha senhora, que com poucos dias de prática, poderá sair e entrar, sem dificuldade neste carro...





— Não sei qual seja o numero do collarinho de meu marido, mas olhe, o pescoço dele cabe aqui...



— Não posso dormir, meu filho! Como chia aquele rato.
— Que queres que faça? Queres que lubrifique o rato?

O PRESENTE DO LIBÓRIO

Peça em 1 acto

Cena unica e nunca vista

Em casa de D. Eulália, respeitável senhora cujo aniversário natalício coincidiu com o Domingo Gordo. Para festejar tão feliz acontecimento, D. Eulália resolveu oferecer um baile seguido de ceia volante a diversas pessoas de amizade. Onze horas da noite.
D. EULALIA — Ai, filha, isto é que vai ser uma festa! Tu é que deves fazer as honras da casa. Eu não me posso mexer com o maldito reumático...

ERNESTINA — Oh, mamã, não tenho jeito nenhum para estas coisas! Além disso, o Libório não gosta nada que eu dê nas vistas... Ainda ontem me disse...

D. EULALIA (atalhando) — O teu marido é um palerma... Não faças caso do que ele diz... Só sabe roer as unhas e piscar os olhos...

ERNESTINA — São tiques...

D. EULALIA — Um tique lhe dava eu se fosse meu marido... Atirava-lhe com a tábua de ensaboar ás ventas que o punha na afinação!

ERNESTINA — Não sei por que a mamã lhe tem essa aversão. Nunca lhe fez mal nenhum...

D. EULALIA — Espera aí que já me fazia mal... Dava cabo dele!... Não posso vê-lo nem pintado. E, então, agora, que dou em engraxar o cabelo... Desavergonhado!

ERNESTINA — Mas lembre-se, mamã, que hoje é o dia dos seus anos... Deve pôr

D. EULALIA — Por minha vontade, não era ele que punha os pés cá em casa. Sobretudo, na festa de hoje. Tenho a impressão de que o malvado vai-me estragar o baile...

ERNESTINA — Não diga isso, mamã... Ela dança tão bem!...

D. EULALIA — Quê? Tu chamas aquilo dançar? Parece um espantalho batido pelo vento...

ERNESTINA — Pois, olhe, ainda no ano passado, ganhou o primeiro prémio no concurso de dança do Clube dos Enrascadinhos de Laveiras de Cima...

D. EULALIA — Que admiração!

Se eras tu quem dançava com ele... Foi a tua formosura que triunfou... Ou não fosses tu parecida comigo...

ERNESTINA — Eu nunca vi a mamã dançar...

D. EULALIA — O meu reumático não deixa... (ouve-se um toque de campainha).

ERNESTINA — Devem ser os Menezes. São sempre os primeiros a chegar...

Momentos depois entra o casal Menezes seguido das suas três vergõteas, exemplares dignos de museu. Vêm mascarados á romana. Beijinhos, rizadinhas e gritinhos affectados...

MENESES — Irra!... Custa a subir a este quinto andar... Não era eu que morava numa altura destas, sem elevador...

SR.º MENESES — Ai, D. Eulália está cada vez mais bem conservada!... Muitos e muitos parabens... Aqui tem este presentezinho... Desculpe a insignificancia...

D. EULALIA — Para que se esteve a incomodar? (Nova campainhada).

ERNESTINA — Pelo toque, são os Alarcões...

MENESES — Cães? Cães é que são... Devem dinheiro a toda a gente...

Entram os Alarcões, vestidos á Luís XV. Marido e mulher. (Não têm filhos por esquecimento pois a sr.ª Alarcão sofre de amnésia desde tenra idade).

ALARCAO — Ora viva a bela sociedade!... Desculpe a insignificancia, D. Eulália... (dá um presente). Que me dizem os meus amigos a este costume?

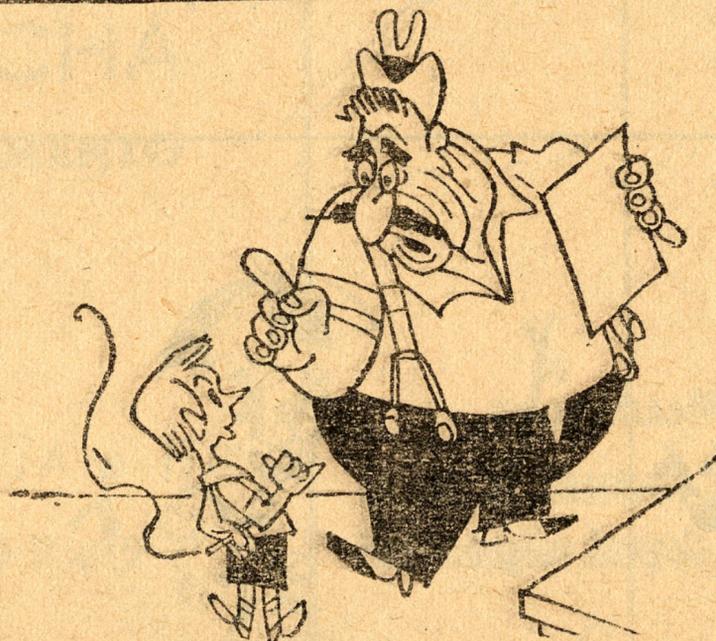
MENESES — Não está mau de todo. Parece o «Chéché» de saudosa memória...

ALARCAO — Chéché era o seu avô... (Novo toque).

D. EULALIA — Ia a apostar em como é o Lacerda... (para a filha) Ora, vai á porta ver se é ele...

Entra o Lacerda, seringueiro, com os ossos enfiados num «pierrrot» pição.

LACERDA — Minha senhora, muitos e muitos parabens!... Mas que partida lhe fez o calendário, este ano! Um aniversário natalício em pleno Carnaval! Aqui tem, D. Eulália... Desculpe a insignificancia...



— Eu não te disse já que não deves fumar cigarros?
— Disse, sim, mas os rapazes dão-me pancada

Opiniões

RESERVADA

APONTAMENTOS DE CRÍTICA POR ROUSSADO PINTO

JOÃO NAZARÉ — UM NOVO QUE VOLTOU!

João Nazaré que se estreou no Coliseu dos Recreios nas «Pupilas do Sr. Reitor», foi durante alguns anos — muito poucos! — profissional. Depois continuou a ser profissional só de carteira... isto é, foi posto de lado, sem mais nem menos, não se prestando atenção às qualidades que possui e que ficaram demonstradas. Actuou, num pequeno papel do filme «O Fado», e, agora foi chamado para a companhia do Alves da Cunha. Alegramo-nos com a sua volta e, mais contente ficáramos se como ele, tantos outros voltassem. Isto é tão raro — que até parece milagre!...

Um grito na noite — ou a noite de pavor

A Carlos Porfírio, realizador, que acordou dum «Sonho de Amor» com «Um grito na noite», desejamos que esta não se torne de pavor...

Artur Agostinho — e as torradinhas do meio...

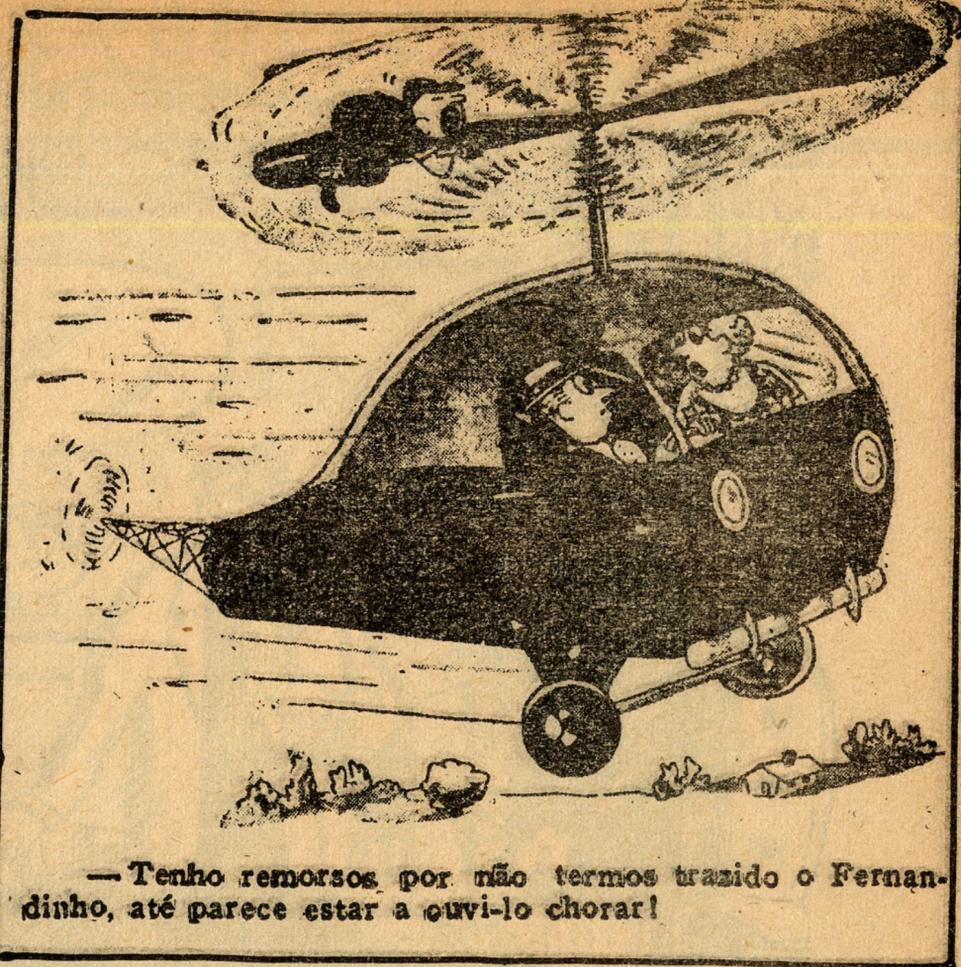
Talvez os leitores não saibam, mas Artur Agostinho quando entra no café e pedetorradinhas, come com um prazer quase divino as do meio. Pois há dias zangou-se, porque alguém lhas tirou — e o meio ficou a descoberto. Que pena... já não as saboreou!...

O já cá canta — que nunca mais cantou...

Umberto Madeira, o popular «já cá canta» das «Capas Negras», está mudo. E mais um dos novos, com carteira e tudo, que passa os dias a dormir...

Carlos Valério — não passa de recruta no teatro...

Carlos Valério que na revista «Ó ai ó linda!» interpreta um magala, entra em cena mudo e sal calado. Para isto passa 4 horas com um nariz postiço e fardado. De há tantos anos que labuta no teatro, pena é que não passe de recruta...



— Tenho remorsos por não termos trazido o Fernandinho, até parece estar a ouvi-lo chorar!

Aí vai a resposta

João de Andrade Corrêa (Santarém) — «A Vingança»... do meu amigo é bastante confusa e destrambelhada. Lá por estarmos no Carnaval não quer dizer que esteja tudo doido! Cumprimentos e... vá lá uma pancada ao chéché!

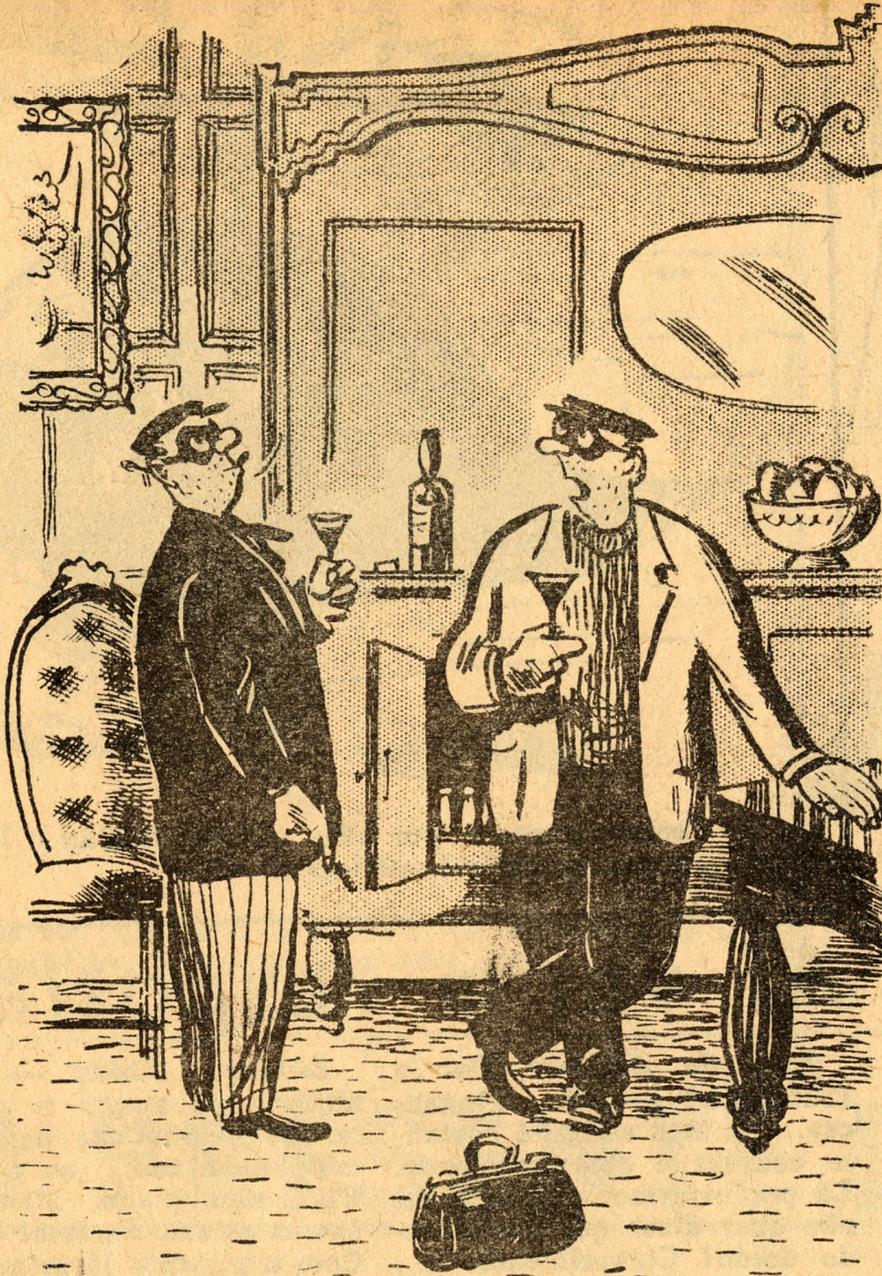
Carlos Emílio Bastos Biel (Porto) — De momento as secções certas não nos interessam. Contudo, pode mandar os bonecos que quiser mas feitos a tinta da China e não a lápis Fáber n.º 2, á venda em todas as capelistas. Um Carnaval feliz e boas tacadadas!

Delongo Rafael — «Uma história de amor» = pimenta. Os versos que nos envia = pé quebrado... ou torcido. Você tem piada. Mande-nos outras coisas. Atchim! — Vê? Com a pimenta já estou a espirrar.

King-Kong — O seu conto, adaptado do americano virá á luz do dia muito em breve, muito antes mesmo do invento das pastilhas alimentícias que substituem o belo bife com batatas fritas! Saramago and his «orchestra» takes the liberty of giving thanks to you!...



— Pronto, mamá, agora esta é por tua conta.



— Tem paciência! Só vamos às jóias depois da garrafa vazia!

O «RISO» DE BARRETE Declaração de amor

Por AMÉRICO JOSÉ GIRIO

— Ora bibe quem é uma flôre!

— Bêce mesmo qué parbo o rrai du hómim!

— Não diga iço santinha! Sou o binte oito da terceira e estou acartelado...

— Isto é qué um desprante anh! Lârgue-me damão queu sou cumpremetida cretura.

— Mitróza! Bócê tem olhinhos de quem tem o cração inda intêrinho pra dáre a um hóme caféa a eitinho cumpretamente fuliz, rraio! Bá, anão se fassa arrenegáda e bóteme cá açua mãozinha.

— Olhe cubócemecê anão sarrime a mim! Sou uma raperiga séra, com binte e cátro anos didade, creada de serbir pra toudio o serbiço, conheço o parco maero, o jardim dastrêle, a mata de Benfica e a mata do jardim zalógique acumu os dêdios das minhas mãoses! Priço peço-lhe cassarréde.

— Olhe quisto não é gargantia mas a verdade é que bocemecê fazia uma bonita parêlha cácu rapáge pra minha rica salvação!

— Pouchim, pouchim! Bonitas fâlias também me bo-

tava o meu Manel Birinhas ácuando mácomessou a seguir o rastre e prefim bêja bóce-mecê que foi pró estrangêro fromar lár, preu ósdespois ir decaminho lá ter com ele e intê hõje e já lá bão um rór danos cavisitei a Casa Pia quêle mincenou, cânunca mais lhe pugge a bista em cima.

— Bócemecê anão pode aprefundar o que meu cração sófre dalegría. Pras melhoras duma burria quelá tenho na têrria, seu não tibe logo um precentimentio acomoeras tu a Rosa a quem eu tinha intregado o meu amor pla primeira vez.

— O quê! Antão és tu o Birinhas da minha alma?

— Eu chim Rósia!

— Ai que felizchidade! Dá cá um chõcho! Dá cá um abraçe!

— Pois é! Tóma lá... E' cachopa tás forte como um burre! Não mapertes tanto quãda mesfarrapo toudo.

— Oh hóme deixa cá matar choidades rrai!

— Atão só cuma condeção: ósdespois bamos oitra bês a besitar a Casa Pia, sim Rósia?

Quadras desta quadra

— Próprias para serem cantadas aqui, ali... ou naquela parte... —

Fiquei preso p'lo beicinho,
Oh! formosa criatura!
E desde que fiquei preso...
Nunca mais tive soltura!

Meu amor, a tua boca,
Toda rosada e louçã,
Faz-me lembrar a 'strumeira
Da porca da minha irmã!

Não andes de perna á vela!
— Eis um conselho dos noossos —
Andam p'r'ái muitos cães,
E vão supor que são ossos!

Desde que foste p'r' América,
Nunca mais tive um afago!
Ai, meu amor, quem me dera
Ir ter contigo a Chicago!...

— Há cá queijo? — perguntei.
Todos disseram: Não há!
Foi então que eu percebi:
Eras tu que estavas lá!...

— Conta-me: como foi isso?
— Pergunta a mãe ao petiz —
— Tão sujo, tão mal cheirosos!...
Onde meteste o nariz?

— Menina: não suba ao cume!
Olhe que eu digo ao seu pai!...
Dá-lhe uma dor... E depos...
E' certo: do cume caí!...

JOSE DESCARADO



NA QUARTA-FEIRA DE CINZAS:

— O balanço... e o ajuste de contas...

GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

QUADRA N.º 50

No outro mundo afinal
E se lá não o houver
Terá que ser inventado
Este «Riso Mundial».
Eva Oliveira Barbosa

QUADRA N.º 51

Todo o nosso Portugal
Em risada está agora
Agradece-se ao «Mundial»
Nosso riso de toda a hora.

QUADRA N.º 52

Toda a graça tem pudor
E dos outros sucumbiu
Sentem esses colegas furor
Mas o «Riso» até se riu.

QUADRA N.º 53

Não sei se a quadra em graça
Se nenhuma graça tem
Só sei que é grande desgraça
Um homem não ter vintém.

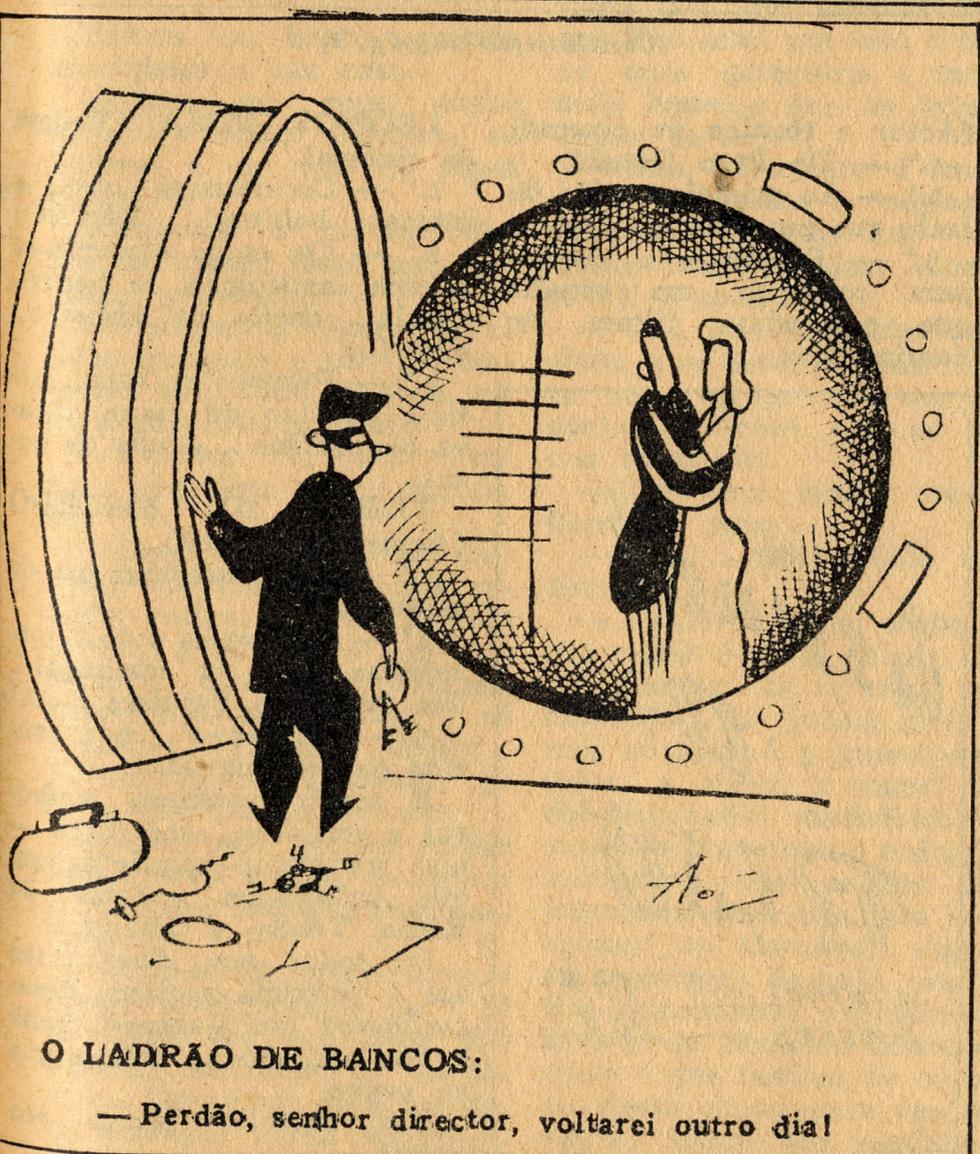
QUADRA N.º 54

Quando no mundo zangado
A paz soar em clamor
Da pele da minha sogra
Hei-de fazer um tambor.

QUADRA N.º 55

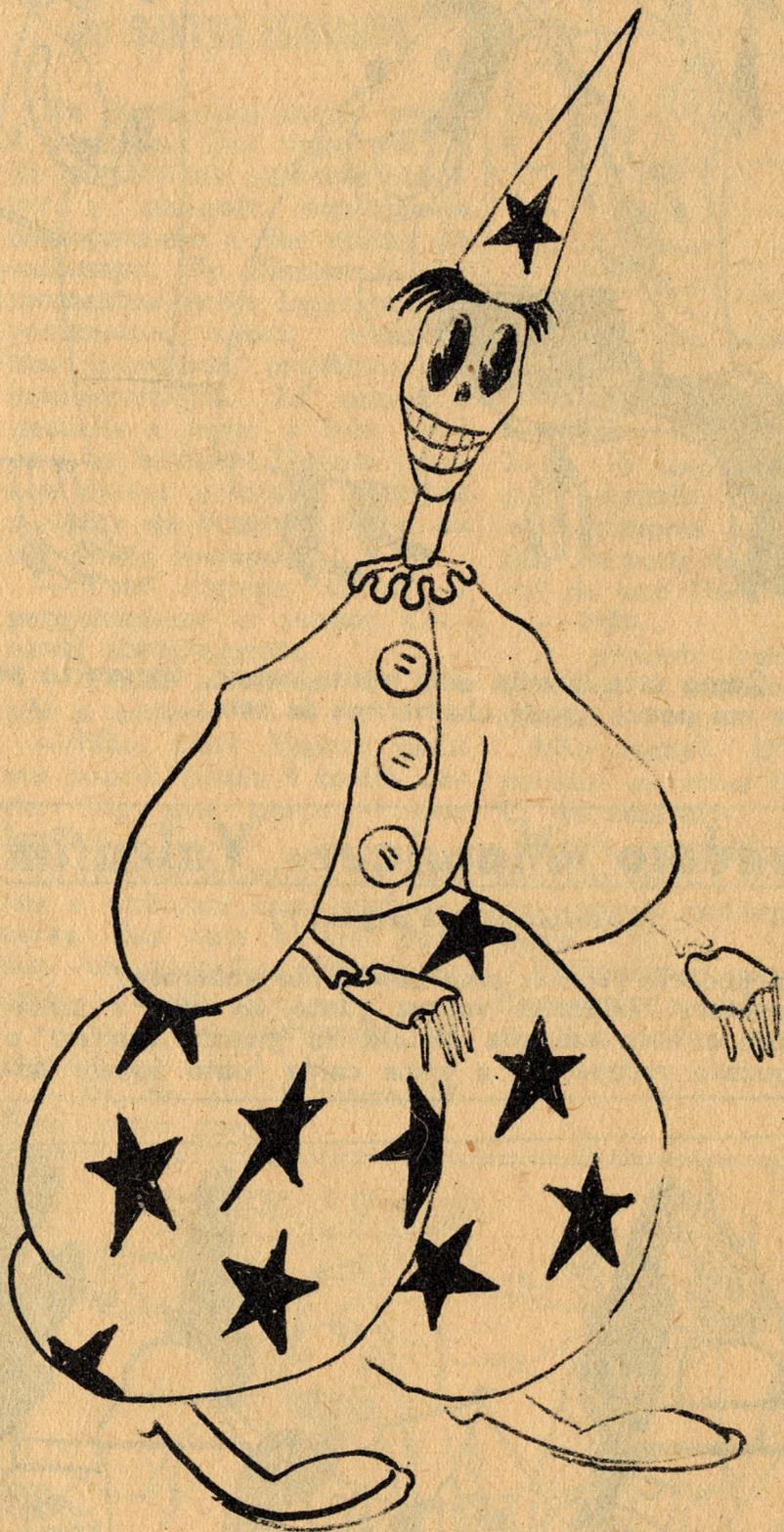
Dizes que me acho sempre
Dentro do teu coração
— Ai, afrouxa o espartilho
Falta-me a respiração.
Carlos Alberto

PRÉMIOS: 1.º 500\$00 — 2.º 250\$00 — 3.º 150\$00



ESQUELETOS NO AR

ESQUELETO XVIII



— Como está, senhor França?

— Quem é?

1.º Prémio : 1.000\$00 2.º Prémio : 750\$00

3.º Prémio : 500\$00

Brevemente mais sensacionais prémios

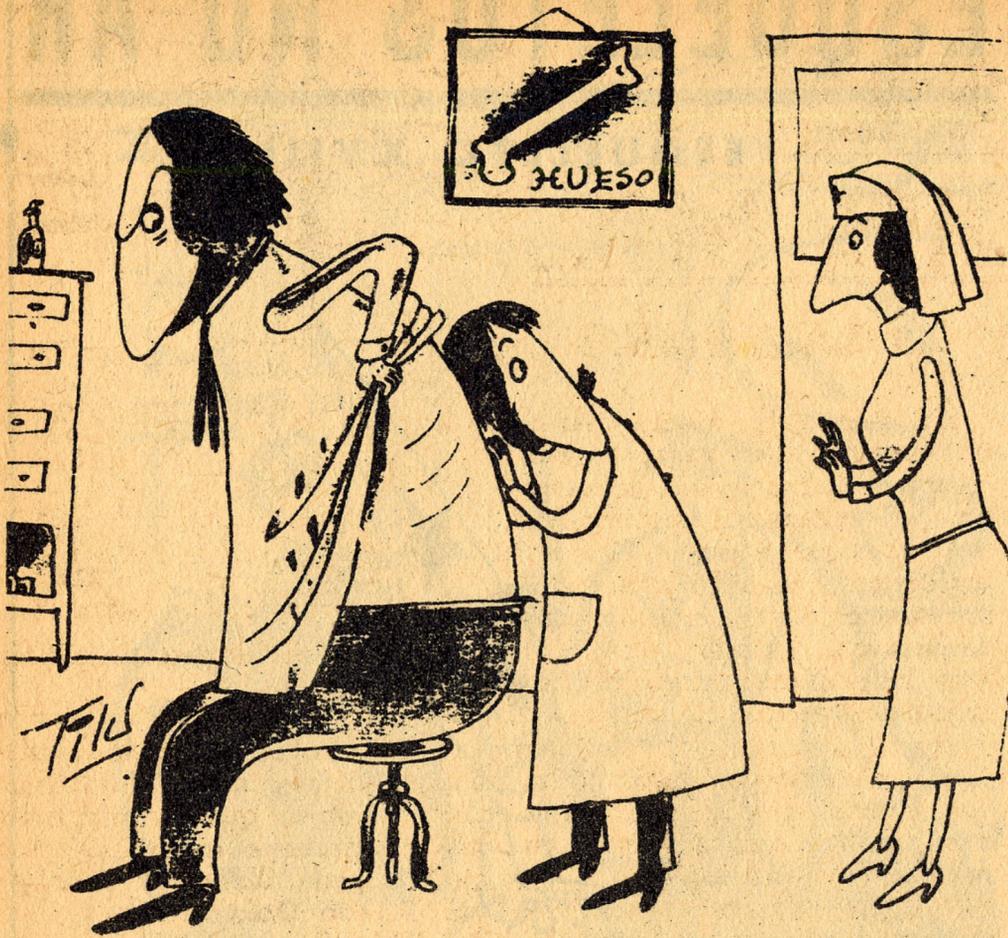
Brevemente: CADERNETAS À VENDA

ENTÃO NÃO SABEM QUE EMÍLIO SALGARI FOI...
FGI O TENOR DA ÓPERA À..IDA?! É CLARO QUE,
À... VOLTA, ESCREVEU MUITOS ROMANCES!

O PRESENTE DO LIBÓRIO

(Continua na pág. 30)

(Continuação da pág. 26)



— Como este doente está muito calmo, aproveito para dormir um pouco; pode chamar-me às seis...

D. EULALIA — Muito agradecida... Não sei para que se esteve a incomodar...

MENESES (para a mulher) — Se os presentes dos outros forem tão valiosos como o nosso, a D. Eulália está bem servida... Com esta despesa, não se salva...

SR.º MENESES — Salva? Pirezinho da China fingido... Hum... Aquilo cheira-me a (a campainha volta a tocar).

ERNESTINA — Ai, agora é o meu Libório!

D. EULALIA — Até que enfim, chegou esse valdevinos! Já cá devia estar, há mais tempo...

ERNESTINA — Coitado! Teve de ir à Cooperativa por umas coisas em ordem...

D. EULALIA — A Cooperativa lhe dava eu...

Entra o Libório, esbafo-rido. Não vem mascarado. Cumprimenta, apressado, a assistência.

LIBÓRIO — Muitos parabens!

D. EULALIA — Viva, senhor meu genro! Só agora é que aparece? Estava a ver que começava o baile e o senhor na vadiagem...

LIBÓRIO — Não pude vir mais cedo... Eu logo lhe explico...

D. EULALIA — Que pressa é essa?... O senhor não é como os outros convidados... Não me dá nenhum presente...

LIBÓRIO — Com licença, eu volto já... (sai pelo F. E., deixando a porta aberta). Não me demoro...

D. EULALIA (vendo o genro a correr pelo corredor fora e entrar na privada) — Ai, que estrangulo aquele patife!... (vai a sair mas o Lacerda barra-lhe a porta). — Malvado!...

LACERDA — Não se zangue D. Eulália!... O Libório já lhe dá o presente!...

Cai o pano

O Porteiro da Geral

O Bondoso «Monsieur» Valentim

(Continuação da página 7)

Quem poderia recusar uma oferta tão generosa?

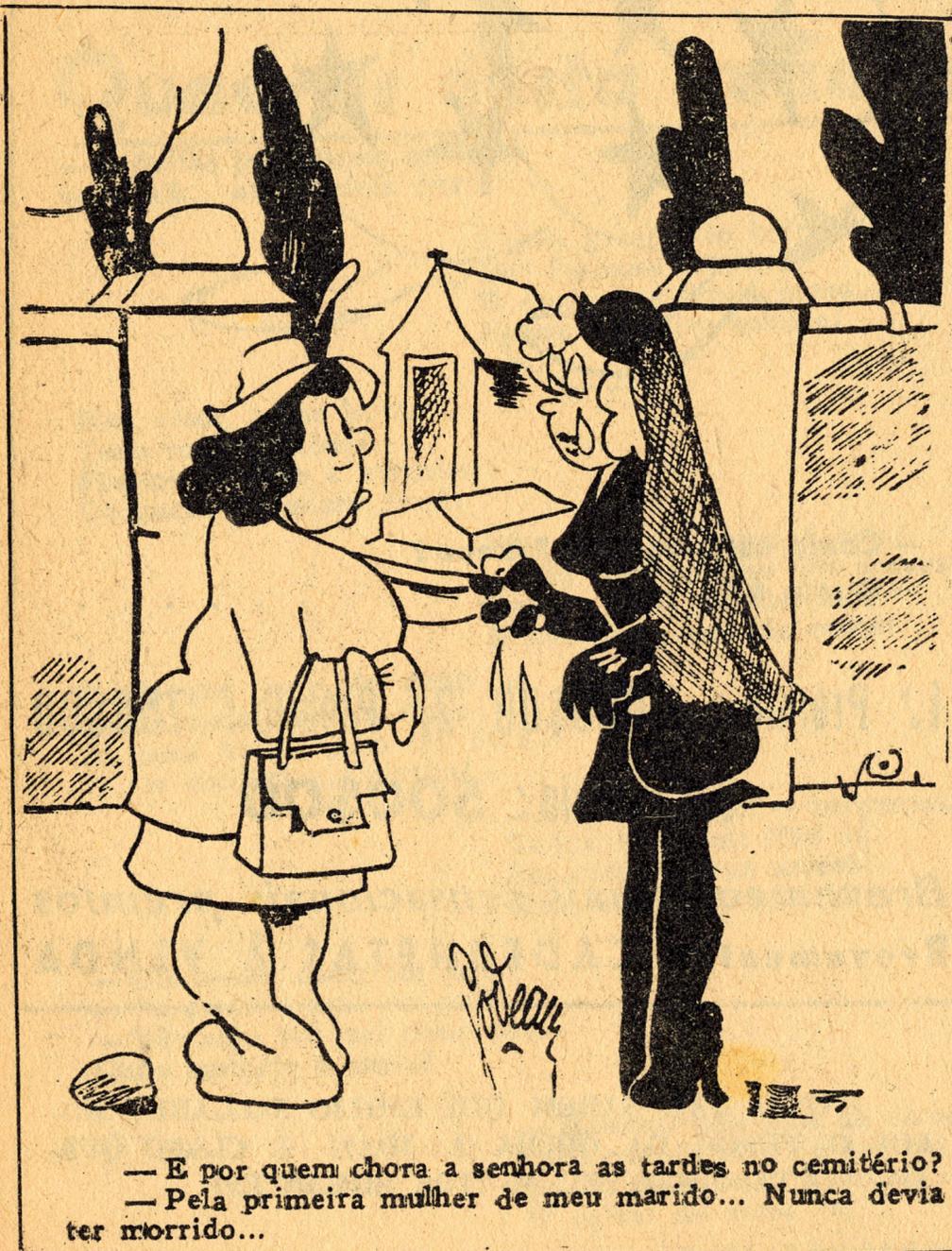
«Monsieur» Valentim volveu junto ao mar e suicidou-se com a bem cuidada pistola do guarda Dupont, o qual, enquanto recuperava a arma caída junto àquele ho-

mem tão bondoso, dizia com a voz embargada pelos soluços:

— A gratidão é uma coisa muito boa; «oui Monsieur»! A roleta girava, girava...

M.

(Tradução e adaptação da «CODORNIZ», por Yo Soy Yo)



— E por quem chora a senhora as tardes no cemitério?
— Pela primeira mulher de meu marido... Nunca devia ter morrido...

COMO SE VAI MASCARAR ESTE ANO?

(Continuação da pág. 3)

(Actor e técnico de cinema)

- 1.º — De Pato Donald,
- 2.º — Ao primeiro avião de jacto que passasse em Lisboa.
- 3.º — Passava-a a patacos para construir um estúdio que produzisse filmes em continuidade. . .

LEONOR MAIA (Vedete de cinema)

- 1.º — Continuarei com a máscara habitual... TATÃO
- 2.º — Os sacos oferecia-os a uma instituição de beneficência... cheios de dinheiro... claro!...
- 3.º — Puxava-lhe fogo, metia-a debaixo da cama, tapava os ouvidos... e saía de casa!...

TOMÁS DE MACEDO (Actor de cinema)

- 1.º — Vou mascarar-me de empregado.
- 2.º — Atirava-os a dois jornalistas que eu conheço!... Um deles... o Baptista Rosa!
- 3.º — Atirava-a... nos centros da má língua!...

E assim terminou, senhoras e senhores, este curto — mas trabalhoso inquérito, em que colaboram vedetas da Rádio, Teatro e Cinema.

De todos nos despedimos até à próxima semana, desejando-vos um Carnaval feliz e boa emissão ao colega que se segue.

Boa noite!... Muito boa noite!...

Cassime!

RISO

3 MESES — 13\$
6 MESES — 26\$

O CARNAVAL NO ANO DOIS MIL

«O HOMEM NÃO EMPREGARÁ A TRADICIONAL COLHER DE PAU, NEM PAPELINHOS MINUSCULOS E MULTICORES, NEM BISNAGAS CHEIAS COM PERFUME DE SAMATRA! ...MAS, EMPREGARÁ A BOMBA ATÔMICA (UMA BRINCADEIRA INOCENTE), BOBINAS DE JORNAL E MANGUEIRAS DE JARDIM, CHEIAS DE D. D. T.»



Aqui tem o leitor uma notícia original e verdadeira, que não é profecia do nosso século mas sim, simples e textual informação do senhor Carnaval.

E' verdade, caro leitor, entrevistámos o senhor Carnaval — o senhor Carnaval, malcriado, dos bilhetes postais tão... tão... tão (devem ser 3 horas!). O senhor Carnaval das partidinhas inteiramente frescas; dos assaltos que vão, a título de brincadeira, desde a pacata casa particular até ao particular mau gosto de assaltar ourivesarias.

★

Estava no banho quando assaltámos a sua casa.

— Este ano, ando muito porco — disse, enquanto se limpava a um rolo de papel higiénico.

Rimo-nos e dissemos-lhe que lhe íamos fazer uma pequena entrevista.

— Podiam ir fazer outra coisa qualquer e não me magarem tanto! Eu já disse tudo o que tinha a dizer!

— Perdão, V. Ex.ª por mais que diga nunca diz tudo!

— Sim, porque não me deixam! Eu já perdi aquela coitação antiga. O mundo, hoje em dia, anda todo o ano num perfeito Carnaval! Dantes, atiravam-se ovos. Hoje, é só a casca! Vê, como desci!... E, um dia, ainda hão-de tirar o «s» á casca, vai ver!

— Mas, não espera voltar áquele nível antigo, da colher de pau, das bisnagas com perfume...

— Colher de pau? Chegar áquele nível antigo, diz!? E' provável! No ano Dois Mil haverá, realmente, o verdadeiro Carnaval! Mas, então, as bisnagas serão substituídas por mangueiras cheias de

D. D. T.; a bomba atômica substituirá as colheres de pau e, quanto aos papelinhos nem se fala! Bobinas de jornal é o indicado — é muito mais saboroso!

— Mas, um pouco mais indigesto!

— Isso depende do jornal a que esse papel disser respeito!

— E o que diz é verdadeiro?

— Tão certo como dois e dois serem quatro! Haverão, de novo, carros na Avenida

— carros de assalto, tanques e aviões que deitarão as tacadinhas cá para baixo! Pode crer que as brincadeiras de hoje — brincadeiras de mau gosto — serão substituídas por outras muito mais interessantes. Por exemplo, em vez de se pôr raios nas pessoas tiram-se-lhe os olhos com um gancho! Em lugar dum preguiço revirado na cadeira, um ferro em braço! Um bom tiro de metralhadora será muito mais interessante que uma simples tacadinha! Não acha que isto é muito mais pitoresco e muito mais humano que as brincadeiras de hoje?

— Sim, realmente é muito mais pitoresco e regional! Contudo, quando for essa época é muito mais aconselhável o suicídio!

— Ora, ora. Uma clavícula-zinha desmantelada tem muito mais graça que um daqueles «caldos» que se dão nos colegiais!

— Talvez tenha, senhor Carnaval, mas...

— Mas, o quê! Ainda tem dúvidas?

— Lá dúvidas não tenho, o que tenho é outra coisa.

— Em vez de se atirar um embrulho da janela para a rua, atirar-se-á o guarda-vestidos, a mesa, a sogra! Os chéchéchés serão verdadeiros e cortarão o pescoço a todos os indivíduos que andem nos folguedos. Isto sim, isto será brincar ao Carnaval! Agora os «meninos» de hoje, que só têm brincadeiras prejudiciais, brutas, de carácter ofensivo, esses é que haviam de cá estar nessa altura para ver como se brinca sem melindrar ninguém!

— Vou a roupa de meu marido porque não consegui um traje de Carnaval, conforme meus desejos!

— E como era?

— Ora... oferecido...

— Ah, do que falávamos!? Bem, creio que...

— Não, não! Espere mais um pouco. Ainda é muito cedo. Em que parte é que íamos?

— Não, não! Espere mais um pouco. Ainda é muito cedo. Em que parte é que íamos?

— Não, não! Espere mais um pouco. Ainda é muito cedo. Em que parte é que íamos?

— Não, não! Espere mais um pouco. Ainda é muito cedo. Em que parte é que íamos?

— Não, não! Espere mais um pouco. Ainda é muito cedo. Em que parte é que íamos?

por SANTOS FERNANDO

Eu já não me sentia muito á vontade. Um vago receio de que ele me quisesse sujeitar a qualquer experiência começava-me a dar voltas no estômago. Os alimentos, que momentos antes ingerira, pareciam-me, agora, realizar, nos intestinos, prodígios incomensuráveis. Lá estava a pescada a jogar a luta livre com as batatas! Depois pareceu deixar a luta e começou a nadar de bruços! Como eu me sentia indisposto!

— Tem alguma coisa? — perguntou-me o senhor Carnaval abruptamente.

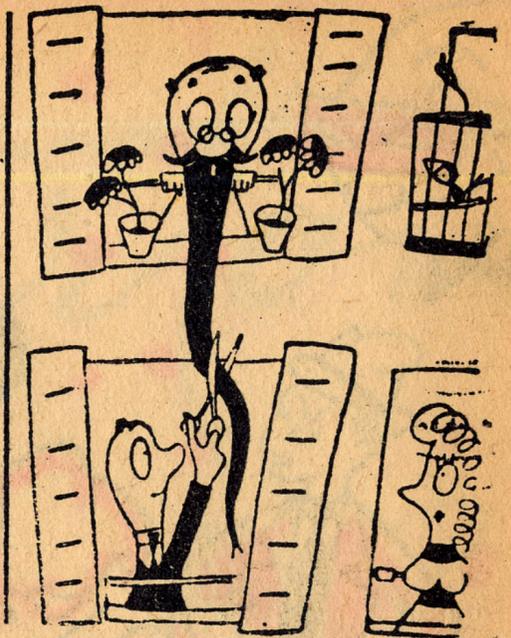
— Tenho vontade de me pôr a andar!

— Não, não! Espere mais um pouco. Ainda é muito cedo. Em que parte é que íamos?

A pescada ia, agora, de costas e embateu com qualquer coisa. Era uma batata. Perdeu os sentidos. Sentia-me mais aliviado.

— Do que falávamos há pouco?

— Ah, do que falávamos!? Bem, creio que...



Mesmo nas barbas do vizinho.

— Não, não tínhamos acabado, lá isso não! Calcula, por exemplo, qual a partida mais simples e mais ingénua que se pode fazer no Carnaval do ano Dois Mil?

— Não...
A pescada recuperara os sentidos e entrara em movimento.

Não sabe? E' facilimo: mandar encerrar todos os W. C. da capital!

Neste momento, a pescada deu um salto e eu senti como um grande pontapé no estômago.

Felizmente que o senhor Carnaval, nesse momento, me deu ordem de soltura.



— Vou a roupa de meu marido porque não consegui um traje de Carnaval, conforme meus desejos!

— E como era?

— Ora... oferecido...

desenhos de Norton



— Sempre que a vejo sorri, sinto ímpetos de lhe dizer: Venha a minha casa. — Impolente!... — A equivocada, eu sou de...!

— Quando você se ri, percebo que não tem coração.
— Valha-me Deus! Então eu abro assim tanto a boca quando rio?

— Notou que a minha voz encheu a sala de concertos ontem à noite?
— Perfeitamente! Pois a gente até se retraiu para não deixar mais espaço...

O caricaturista Mário Norton, numa interpretação sua

ESCALADA DE SERVIÇO

Chico da Manta veio passar o Carnaval a Lisboa. Uns parentes afastados, com residência às Avenidas Novas, tinham-lhe escrito uma carta em que diziam ter muita pena de ele estar tão longe e não poder ir passar aqueles três dias com eles. Claro, sabiam muito bem que as passagens estavam por um dinheirão e que ele não podia com os seus afazeres.

O Chico da Manta, que de diplomacia irônica nada compreendia, julgou, de facto, que aqueles seus parentes tinham um desejo enorme de o ver por lá. Não esteve com meias medidas. Pegou num saco, nalguns cobritos arrecadados para as ocasiões, como ele dizia, e pôs-se a caminho.

Quando chegou a Lisboa ficou boquiaberto. Isto sim, isto é que era brincar ao Car-

naval: um grupo de homens entretinha-se a escavar a rua; as pessoas andavam aos encontros umas às outras; os automóveis não rodavam, voavam! Um homenzinho corria, perseguido por uma quantidade de gente que gritava:

— Algorra que é ladrão!
«Isto é que é brincar ao Carnaval!».

Os «eléctricos» traziam passageiros até ao teto: verdadeiros cachos humanos.

«Cá estão os raios daqueles carros dos enfeites que passam na Avenida!».

Enfim, tudo brincava o Carnaval!

Com a ajuda de trezentas e tantas pessoas — depois de ter ido parar a Algés, Poço do Bispo e Benfica — lá deu com a casa dos parentes.

«Mas que lindo prédio!» — disse de boca aberta. — Até tem «divrador!».

O senhor Desidério e a es-

posa ficaram petrificados ao ver o Chico da Manta na sua casa. Mas não tiveram outro remédio senão calar. Foram-lhe mostrar a casa toda.

— Aqui é o escritório!
Ele estava parvo.

— Esta casa é a despensa.
«Se a despensam, podiam m'a dar a mim» — pensou.

— A casa de banho... o corredor...
«Calculem, até tem corredor!».

— A sala de jantar!... Ali ficam os quartos, depois a cozinha e aqui é a marquise e a escada de serviço!

O Chico da Manta ficou banzado. Nunca na sua vida tinha visto uma casa assim.

A noite, houve uma pequena ceia, em que alguns convidados que se convidaram a si próprios, não deixaram de aparecer.

O nosso homem falou por dez, comeu por vinte e bebeu por trinta.

Ao fim já estava um pouco mal disposto. O senhor Desidério, vendo a sua cara, disse-lhe:

— Homem... se necessita de alguma coisa, vá á casa de banho!

O Chico da Manta levantou-se e saiu.

Hoje, de manhã, escreveu uma carta á mulher:

«O Maria, tu não sabes Maria o que é isto aqui, Maria! Ora calcula tu que a casa dos nossos parentes até tem corredor! Mas isso ainda não é nada porque também tem Marquesal. Ontem, sentiame mal desposto, comprendes? Tinha cumido muito. E sabes o que é que me mandaram fazer? Ir tomar banho, cum raio! Mas eu que não sou parvo nenhum, abri a porta da cozinha, bem não é preciso apôr mais na carta! Só ta digo que o raio do sôr Desadério até tem escada de serviço!»...

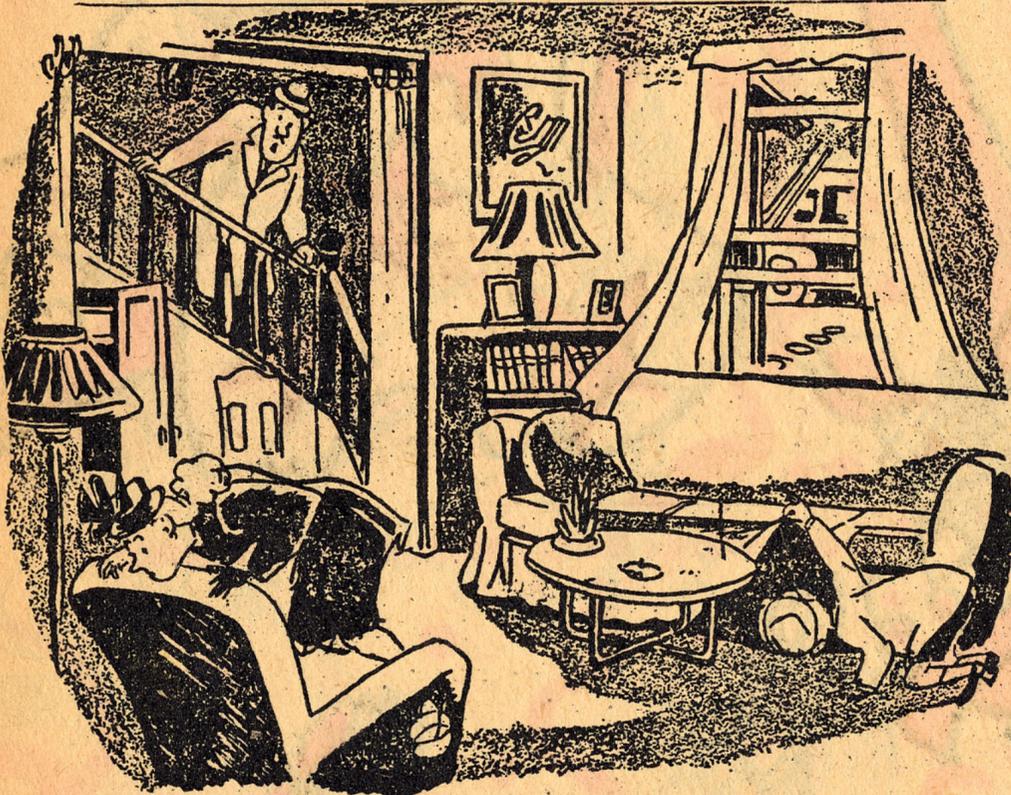
— A sua vida é dominada por Saturno...
— A senhora está muito enganada. A minha mulher chama-se Odete.

— Dançamos este «swing» e depois vamo-nos embora.
— E não podemos fazer isso pelo inverso?

S. FERNANDO



— Como é feia aquela senhora!
 — Fala baixo.
 — Ela disse-me que era filha do director da prisão...



— Escusam de procurar mais. Entrei agora mesmo!



A baronesa: — Você verificou se há algum homem debaixo da minha cama?
 O mordomo: — Sim, senhora baronesa! Examinei e verifiquei que há, sim, senhora!

da CASA



Pintéus é o Director,
 O Burguette, o «Pagador»
 O Pinto é o Editor,
 eu cá sou o Redactor
 e o Norton desenhador!
 A' quarta há sempre calor:
 é dia de grande dor
 do pobre (?) do «Pagador»
 cujas bagas de suor
 no bigode multicor,
 inda lhe fazem pior!
 Larga a «massa» o cobrador
 leva-a o colaborador
 seja menino ou senhor
 guarda-nocturno ou doutor!
 E' dia de bom humor,
 pr'a todo o escrevinhador
 menos para o «Pagador»
 que é digno de louvor!
 Ao ver do recibo a cor
 logo diz: «— Mas que horror,
 vale mais ser Redactor
 do que ser Propriet... ôr.



— Não te incomodes mais, Pepe, afinal resolvi não sair.

Até agora ainda não sabemos! . . .

Passa à página 29

Como se vai mascarar este ano?

por José Maria Rodrigues

Senti um desejo imenso de brincar — e brinquei!... Não escolhi ovos podres para atirar às bochechas do parceiro nem bisnaguei com a água estagnada os fatos multicores e as faces empastadas das meninas «vitamina».

Brinquei a meu modo!... Escrevi vinte perguntas numa pequena, branca e pautada folha de papel. Dessas vinte escolhi as três mais estúpidas e delas me servi para este sensacional, engenhoso, excêntrico, maravilhoso e dinâmico inquérito — (Aceita-se lugar de propagandista)!...

Procupei entre a gente de Teatro, Rádio e Cinema respostas a três perguntas tão estúpidas como a quadra festiva que atravessamos.

São elas:

1.ª — Como se vai mascarar este ano?

2.ª — Se lhe dessem dois saquinhos... a quem os atirava?

3.ª — Que faria com uma bomba atômica?

Responderam:

LUIS PIÇARRA (Tenor)

1.ª — Mascarava-me de estrangeiro... pode ser que pas-se!

2.ª — Não os atirarei a ninguém. Não gosto de aleijar!

3.ª — Punha a bomba no taxi que o conduzirá a casa, para não voltar a fazer perguntas destas!...

(Segui de eléctrico para casa!...)

TEREZA GOMES (Actriz)

1.ª — Vou mascarar-me de PIM. Não me pergunte o que isso significa!...

2.ª — Já levei com um num olho e sei o que isso custa!... Não os atirarei.

3.ª — Guisava-a com batatas e aguardava os acontecimentos. Deviam ser desastrosos!...

SANTOS CARVALHO (Actor)

1.ª — De ensaio geral, cheio de faltas á cena.

2.ª — Cheios de dinheiro... fechava-os a sete chaves.

3.ª — Oferecia-a aos americanos.

ANTÓNIO CRUZ (Escritor teatral)

1.ª — Vou mascarar-me de selo postal!... Pode ser que alguém me aproveite para a colecção.

2.ª — Os sacos com dinheiro... atirava-os ao senhorio para pagar as rendas em atraso.

3.ª — Tomava-a ás colheiras... antes da refeição!...

FERNANDA BAPTISTA (Cantadeira)

1.ª — Vou arranjar uma máscara interessante—Actriz.

2.ª — Atirava-a a quem diz mal de mim!...

3.ª — Arrasava o Parque Eduardo VII e construia lá um teatro.

XAVIER DE MAGALHÃES (Autor teatral)

1.ª — Como já tenho barriga, mascarava-me de velho Entrudo!...

2.ª — Com pedras... nem meio cento chegavam para atirar a certos amigos!...

3.ª — Vendia-a, pois, como não tenho peça há muito tempo... preciso de dinheiro!...

JAIMÉ MENDES

1.ª — De compositor americano!... Podia ser que assim conseguisse enriquecer!...

2.ª — A certas vedetas da Rádio que nos continuam a massacrar.

3.ª — Deixava cair sorrateiramente na estação dos «eléctricos» de Santo Amaro. Sempre queria ver a cara dos condutores!...

JOSÉ ROCHA (Agente artístico)

1.ª — De empresário, coisa que me chamam e que não sou.

2.ª — Abria-os e via se tinham ostras dentro. Sempre gostei de pérolas.

3.ª — Trocava-a por um maço de cigarros.

VASCO MORGADO (Actor de cinema)

1.ª — De fantasma... para estar onde não estou!...

2.ª — Cheios de ouro... atirava-os para o estúdio!... Talvez que assim começasse a produção.

3.ª — Destinava-a a certas senhoras que não acreditam nos novos!...

LINDA ROSA (Bailarina)

1.ª — Vou mascarar-me de Linda. A rosa ficará para depois!...

2.ª — Reservava-os para espetar alfinetes.

3.ª — Oferecia-a aos garotos para jogar o berlinde.

FERNANDO SILVA

(Continua na pág. 30)



ENTRE OS BASTIDORES

g. Vangeal

— Já lhe disse: se quiser ver vá para a primeira fila dos «fauteils» de orquestra...



— Para mim esta serpente é surda, porque de contrário já teria mordido alguém!...

Flechas...

Evita atirar serpentinas áquelas senhoras que têm o mau hábito de retribuir, atirando-nos, á cara, a conta do ultimo casaco de peles.

★

Há certas damas que, nos bailes de máscaras, usam perfumes em demasia, a fim de disfarçarem o aroma das garrafinhas de mau cheiro e o cheiro das garrafinhas... que já ingeriu no bar.

★

O carnaval é já, por si, uma boa desculpa para se envergar aquelas roupas que noutra altura se teria repulsa e vergonha de vestir.

★

Assaltar a casa dum amigo tem certos inconvenientes mas assaltar um Banco isso nem se fala!

★

Sempre gostei de recompensar as pessoas: quando me atiram um saquinho de areia atiro, imediatamente, um saco de cimento.

★

Se em dada época do ano vazarem um olho a um indivíduo a isso se chama um crime. Todavia, se for no Carnaval, isso chamar-se-á uma brincadeira carnavalesca!

★

Conheço uma pessoa cuja brincadeira favorita, nesta altura, consiste em incendiar a casa e apagar o fogo com uma bisnaga.

★

O Carnaval, a época do ano em que se pode mandar qualquer pessoa á... fava!

★

O asar que uma senhora casada poderia ter, num baile de máscaras, seria dançar com o marido sem o saber.

(Este pensamento é muito subjectivo, não acham?).

★

Todo aquele que dá um baile de máscaras fica automaticamente mascarado de camelo!

★

— Comecei a namorar o meu marido — dizia uma senhora das nossas relações — num baile de Carnaval!

— De que é que ele se mascarava?

— De urso!

— Então, é natural ter casado.



carnavalescas

★

A vida é um perfeito Carnaval muito embora alguns mortais só se mascarem uma vez por ano!

★

Desconfia sempre daqueles que passam o Carnaval em casa!

★

... ..
... ..
(Ai, se vocês soubessem!)

★

Antes de assaltares a casa dos outros tranca bem a tua porta. Lembra-te que há muita gente sem consciência! (...Mas que ironia!).

★

Nunca introduza papelinhos na boca duma menina porque isso é anti-higiénico e duma animalidade indesculpável.

Agarre em duas folhas de cartolina hidráulica, puxe-lhe o nariz e enfie-as pela boca dentro.

Isso será mais diplomático!

★

«Lacerda», exactamente a rima que me faltava!

★

Conheço uma senhora que é tão invejosa, tão invejosa, tão invejosa, que mal vê uma amiga mascarar-se de domínó, vai logo mascarar-se de baralho de cartas!

★

E' com as serpentinas que elas nos enrolam muitas vezes!

★

Nunca te rias, no meio da rua, ao veres o teu semelhante com um rabo nas costas. Lembra-te que também podes ter um.

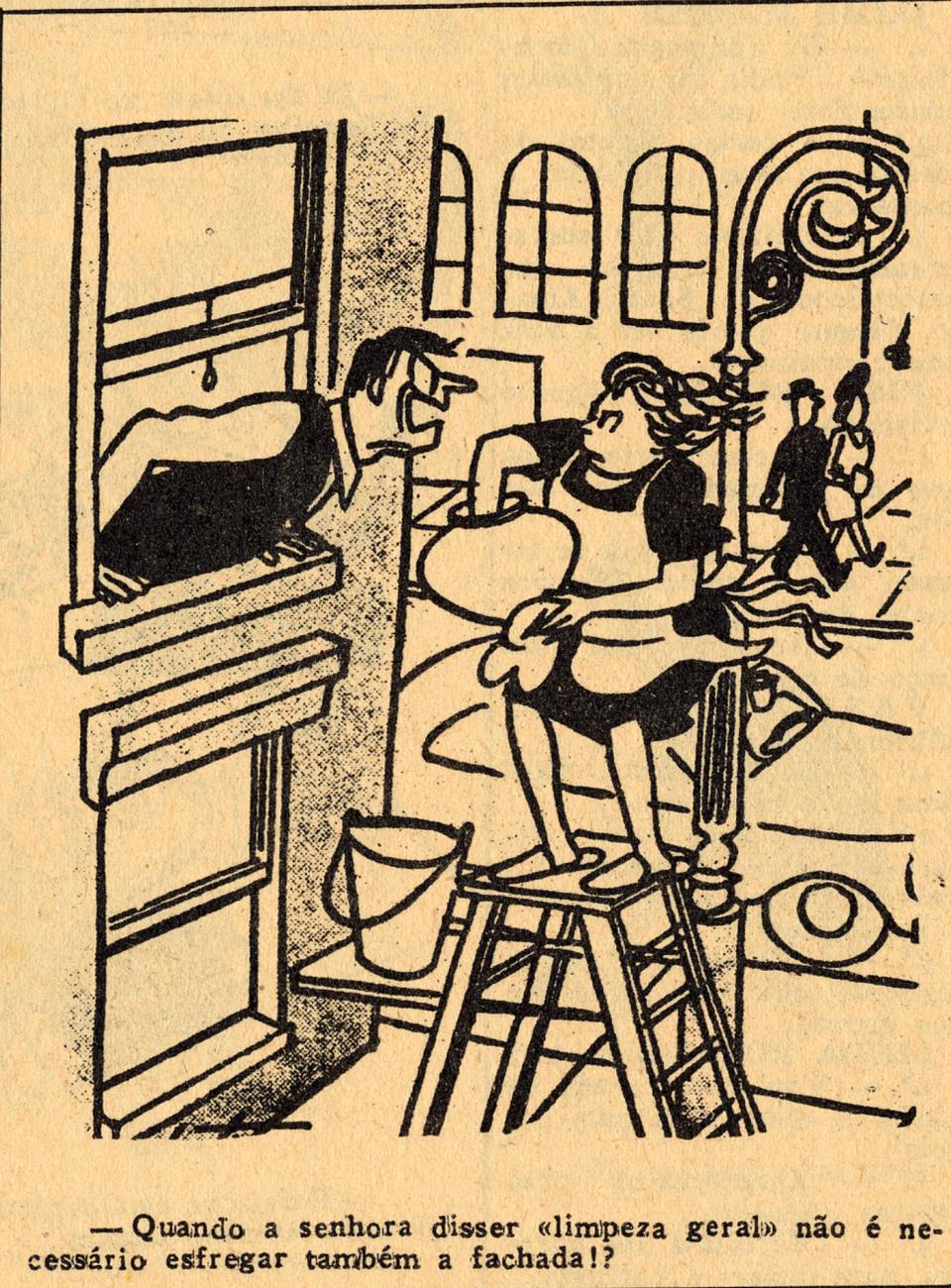
— A minha sogra fez parte do Carnaval! — dizia alguém. — E' uma grande serpent... ina!...

★

O Entrudo é a época do ano em que até os imbecis são intelectuais.

★

A Luizinha das Dores é uma boa rapariga mas é tão Dores, é tão Dores, que até tem dores... de barriga!



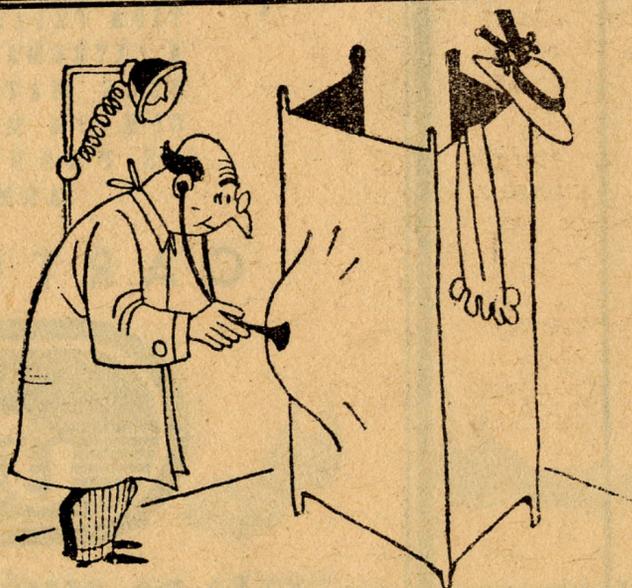
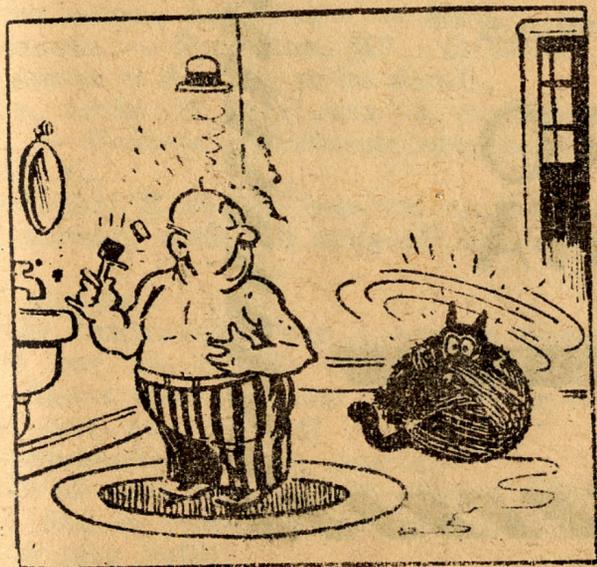
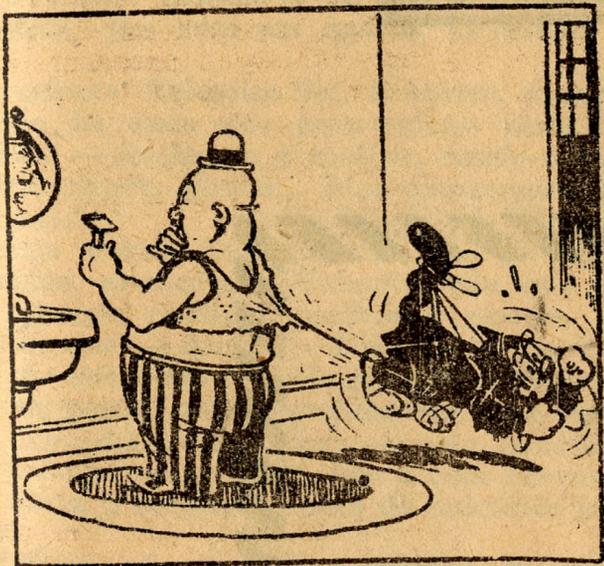
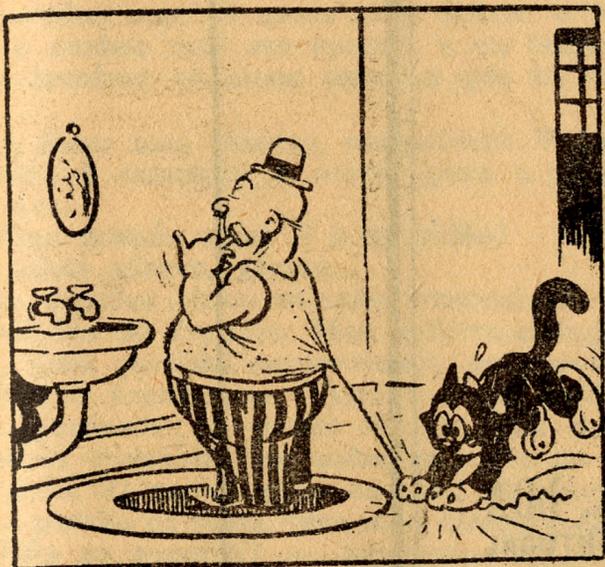
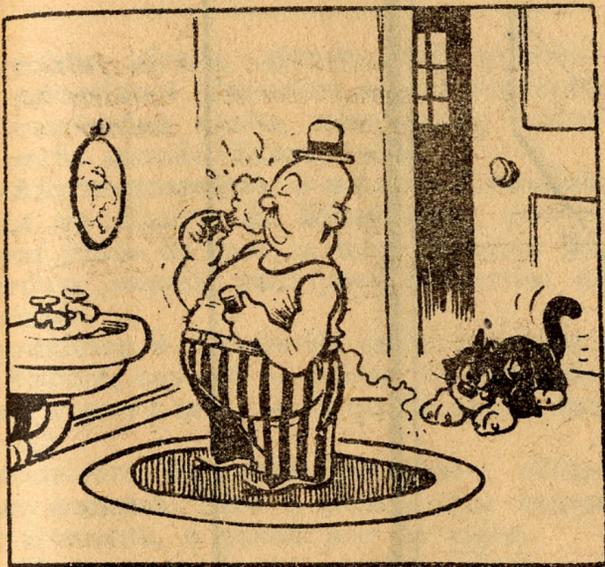
— Quando a senhora disser «limpeza geral» não é necessário esfregar também a fachada!?

História muda

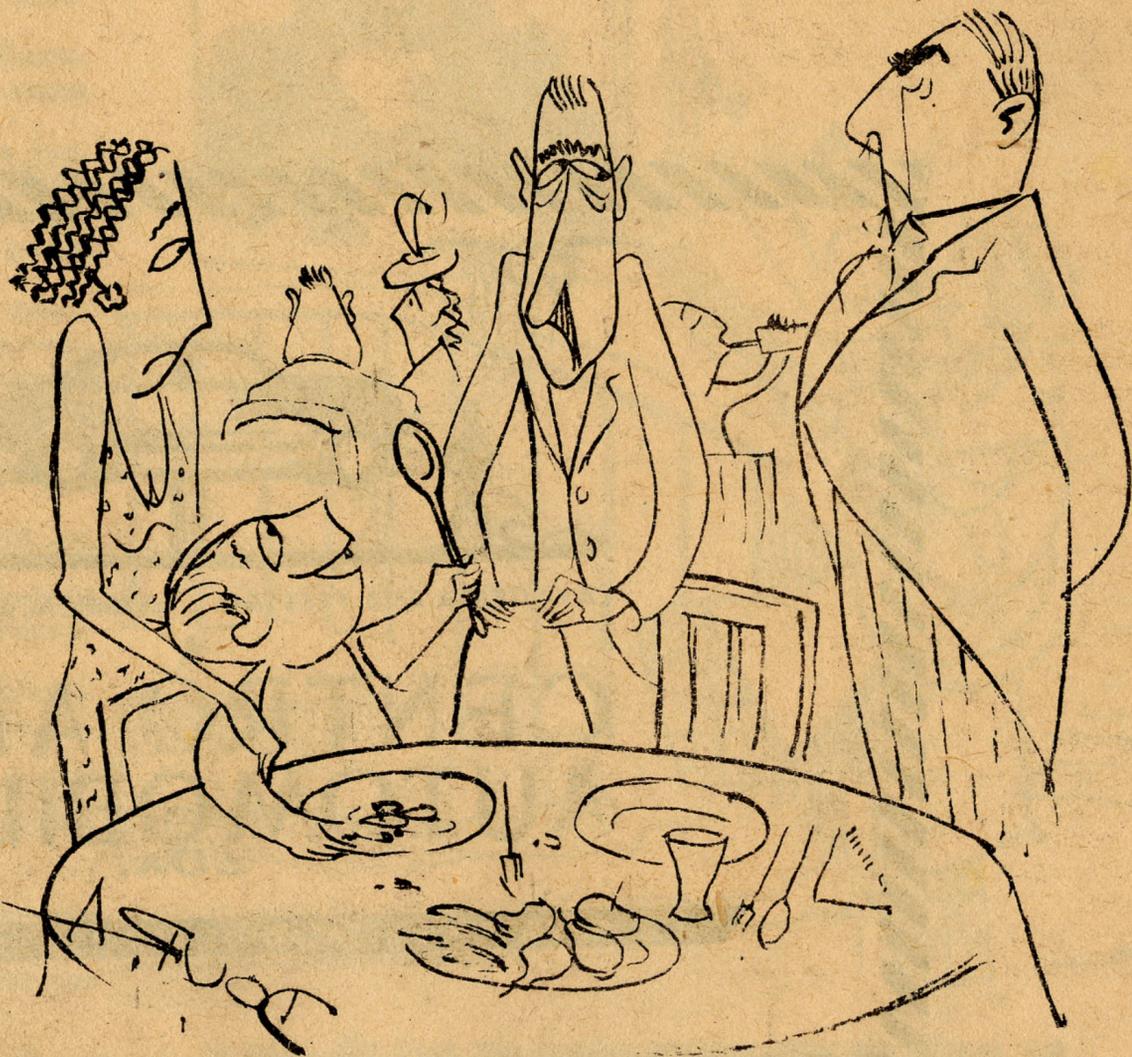
ARTUR AGOSTINHO

CONTA-NOS A ÚLTIMA...

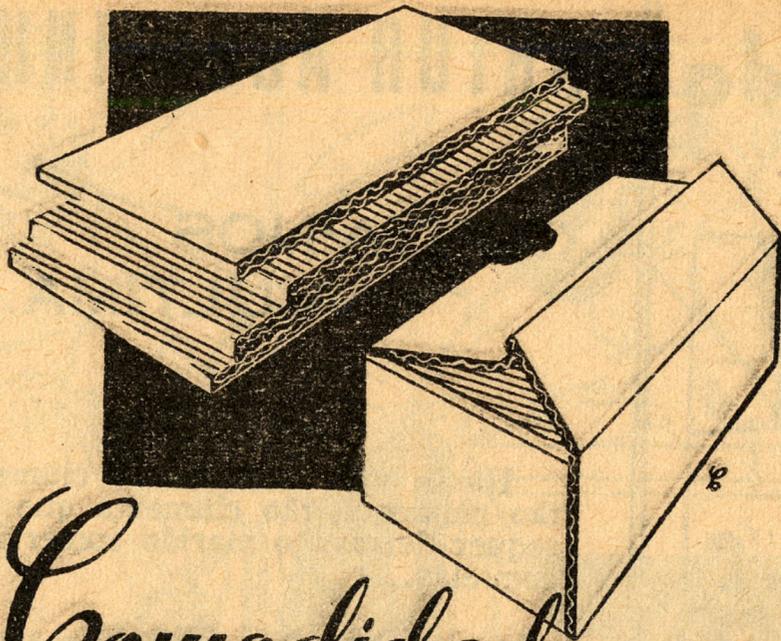
Havia uma mulher tão ciumenta,
tão ciumenta, tão ciumenta que nem
sequer deixava o marido comer iscas
com elas...



— Que ruído esquisito, mi-
nha senhora. Tem a certeza
que está de frente?...



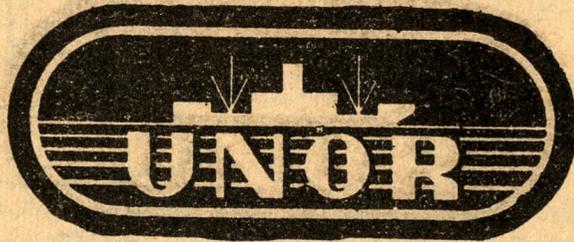
— Olha, papá, estas são iguais às que nós temos em casa.



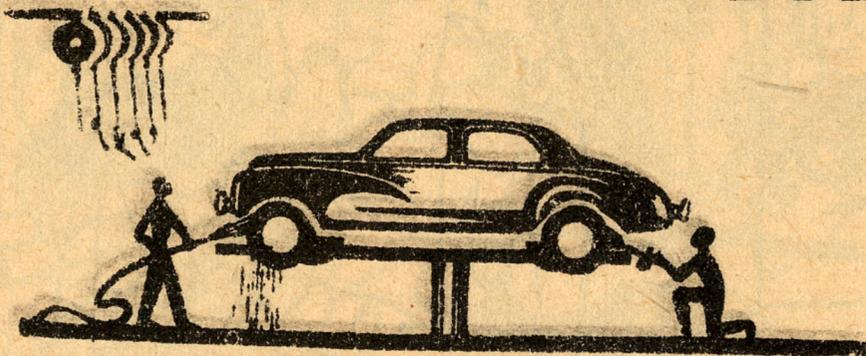
Comodidade

EIS UMA DAS VANTAGENS GARANTIDA PELAS EMBALAGENS UNOR. A EXTREMA SIMPLICIDADE DOS SEUS MATERIAIS, RESOLVE COM UM MÍNIMO DE ESPAÇO OS PROBLEMAS DA SUA ARMAZENAGEM

CARTONAGENS



UNIÃO DO COMÉRCIO EXPORTADOR, LDA
R. DAS CHAGAS, 17-3º ESQ. TEL. 3 3091-LISBOA-PORTUGAL



LAVAGEM A ALTA PRESSÃO LUBRIFICAÇÃO ESPECIALIZADA

★
**CENTRO AERO
AUTOMOBILISTA**
LDA,

GARAGEM E ESTAÇÃO DE SERVIÇO ESPECIALIZADA

O Bondoso "Monsieur"

Valentim

A roleta girava, girava... E, quando a bola parou, «monsieur» Valentim estava arruinado. Mas não se incomodou muito, nem tanto, como alguns anos atrás quando ficara calvo.

— Afortunadamente, a solução é bem simples — disse.

Saiu do Casino de Montecarlo, atravessou o jardim e chegou junto do mar, a uma paragem da costa em que um letreiro, pregado num poste, advertia: «Reservado para os suicidas».

Aproximou a pistola da testa e cerrou os olhos.

— Espere, espere! — gritou alguém que apareceu imediatamente a seu lado. — O que é que ia fazer, «monsieur» Valentim?

«Monsieur» Valentim quiz dizer: «Disponha-me a recitar um soneto». Mas a pistola que empunhava desmentia-o claramente, e optou por se calar.

— Não se recorda de mim? — disse o recém-chegado.

— Certa vez, quando eu estava arruinado, o senhor deu-me cinco escudos com os quais pude reaver a minha fortuna. Agora, o senhor está em apuros, e eu tenho muito gosto em lhe devolver os cinco escudos que há muito me ofereceu.

Sem dizer uma palavra, «monsieur» Valentim recolheu o dinheiro e começou a correr para o casino, enquanto murmurava:

— Que grande coisa é a gratidão!

A roleta girava, girava...

Com aqueles cinco escudos, «monsieur» Valentim ganhou milhões de francos. Mas a fortuna ingrata transformou-se, qual partida carnavalesca, em nova derrocada e ele voltou a arruinar-se. Vendeu o que pôde para, a seguir, ir perdendo; e, pouco depois, saía do Casino com letreiros de «vendido» em todas as peças do seu vestuário.

Quando, de novo, junto ao mar, acercava, pela segunda vez a pistola da testa, uma mão deteve a sua arma no ar.

— Não se recorda? — perguntou uma voz feminina.

— Um dia, há muito tempo, eu necessitava de um alfinete e o senhor deu-me o da sua gravata, com pérola e tudo. Agora, que está em apuros, devolvo-o muito agradecida.

«Monsieur» Valentim foi, a correr, vender o alfinete.

— Não há nada que proporcione tanta alegria como a gratidão! — exclamou a mulher, vendo-o partir.

A roleta girava, girava... Mas «monsieur» Valentim tornou a perder.

Quando voltou pela terceira vez ao lugar reservado aos suicidas, «monsieur» Valentim viu que se não podia suicidar porque também vendera a pistola.

— Vejamos — disse. — Resumindo, perdi quinze francos que me sobraram do mês passado, o fato que levo vestido e uma pistola cujo funcionamento me inspirava sérias dúvidas. Amanhã posso voltar ao meu escritório e, no fim do mês, cobrar o meu saldo, que é bem decentezinho. Creio que me havia precipitado! Isto de suicídios só se fez para os ricos!

Satisfeito, abandonou os jardins do Casino para se dirigir á pensão.

— Boas noites, «monsieur» — disse o guarda Dupont afectuosamente. — Para casa, já?... O senhor no Carnaval costuma passar o dia e a noite fora!...

— Sim, venho já para casa — contestou «monsieur» Valentim. — Pensava suicidar-me esta noite, mas não tenho pistola e...

— Caramba! E só por isso vai renunciar ao suicídio? Para que servem, então, os amigos? Eu lhe darei a minha pistola!

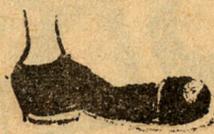
— E' que eu...

— Nada, nada; uma vez o senhor livrou-me de ser atropelado por um camião e estou-lhe muito agradecido por isso. Agora terei o prazer de retribuir o bem que me fez. Aqui está uma pistola!

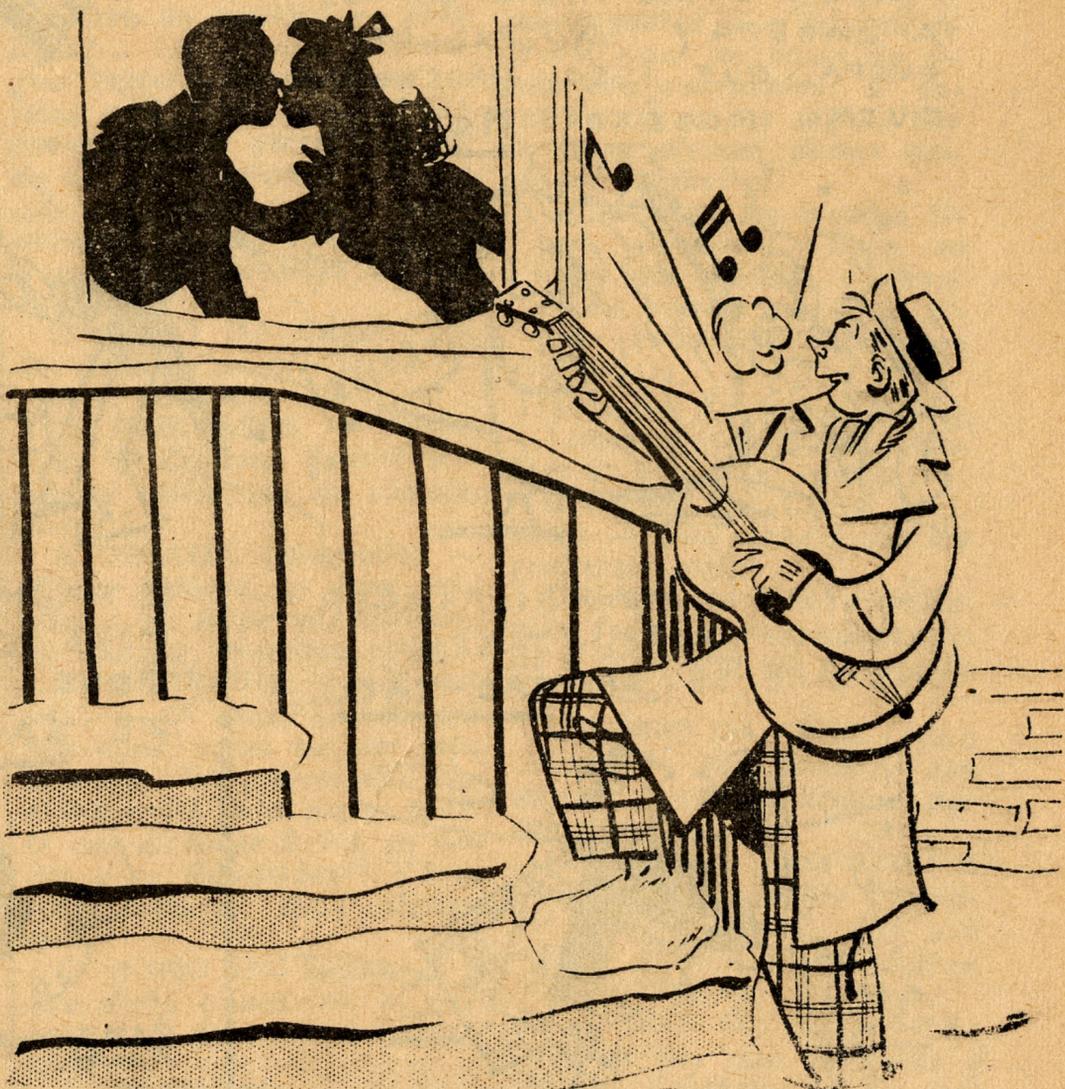
— Compreende, eu não queria...

— Não há mais nada a dizer. Toca a suicidar-se, «monsieur»! E não se preocupe em gastar-me uma bala. Eu a pagarei do meu bolso.

(Continua na pág. 30)



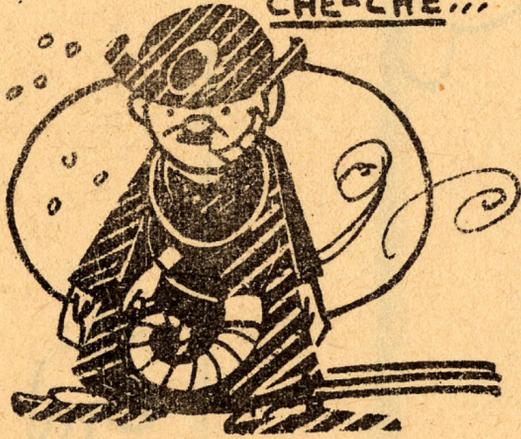
Era tão pobre que se viu na necessidade de se mascarar de nada...



— Ah... Eu bem me queria parecer que ela estava em casa...

★ FREITAS ★ UM DESENHADOR PORTUGUES

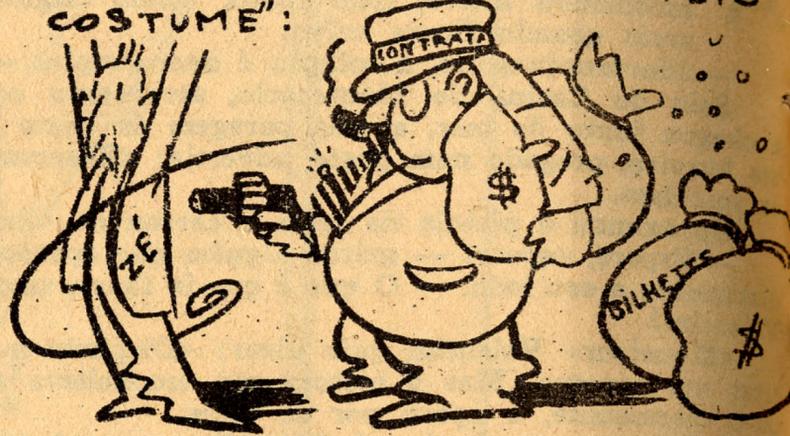
OLHE, POR EXEMPLO,
MASCARE-SE DE:
CHE-CHE...



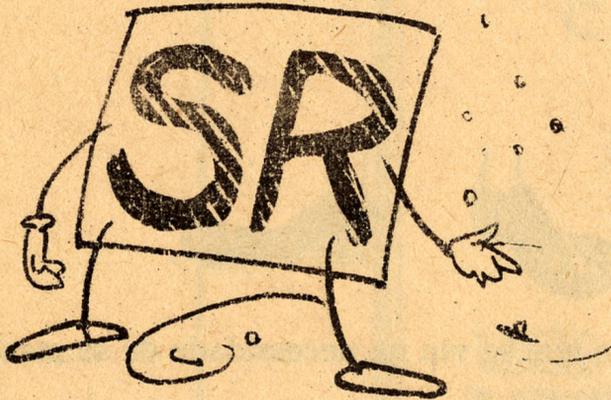
MAS, SE NÃO GOSTAR,
"VISTA-SE" DE: CHE



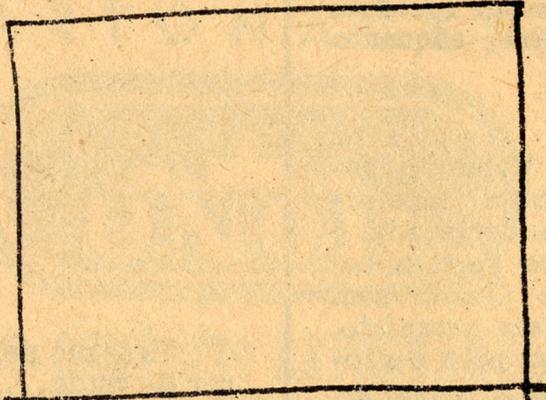
CONTRATADOR TAMBÉM É UM
COSTUME NADA FEIO, SE BEM
QUE JÁ TIVESSE SIDO UM "FEIO
COSTUME":



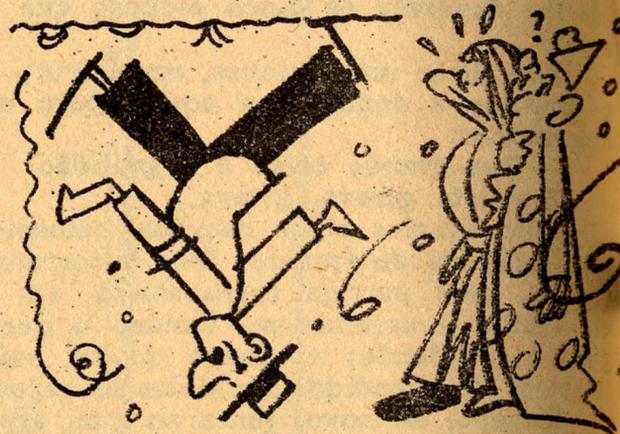
É VERDADE, E SE O SR.
SE DISFARÇASSE DISSO,
ISTO É, DE SR ?



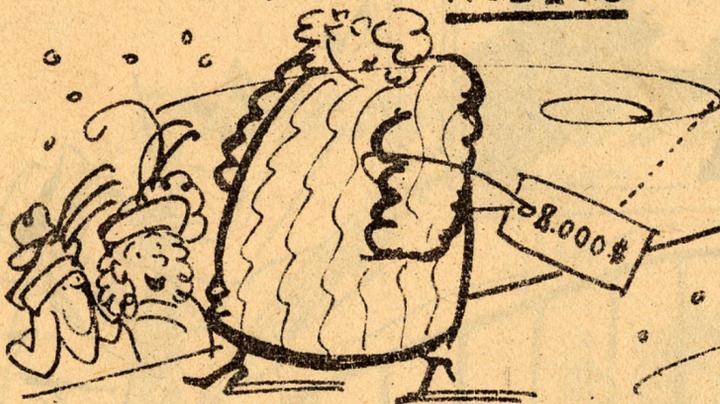
AH, É MUITO DIFÍCIL?
POIS É... NÃO SEI QUE
LHE FAÇA. OLHE, NÃO
LHE FAÇO NADA.



OUTRA SUJESTÃO: MASCARE-SE DE ANTIPODA:



O QUE? SUBIU-LHE O SANGUE
À CABEÇA? NÃO FAZ MAL;
CUSPA, QUE ISSO PASSA-LHE.
OUTRO MODELO: MODELO



MASCARE-SE
POR EXEMPLO
DE MARIDO:



SOLTEIRO É O MELHOR
CLARO... CLARO...
DISFARÇE-SE DE SOLTEIRO



NÃO VELE A PENA DISFARÇAR?
ENTÃO... ENTÃO... JÁ SEI:
MASCARE-SE DE TÃO-TÃO...



É PRONTO. SE NÃO GOSTOU DE NENHUM, OS
MEUS SENTIMENTOS... NÃO SE MASCARE... TEL
FONE... E SARAMAGO! A PROPOSITO: VISTA-SE
DE SARAMAGO; ASSIM!



O BAILE DE MASCARAS

(Peça em dois actos. A cena passa-se num baile de máscaras, entre as dez e as onze).

1.º ACTO

O DONO DA CASA (mascarado de camelo, para a mulher) — Estás a ver isto, ó Gervásia?! Convidámos sete pessoas e apareceram 652! O pior é que não sabemos quem cá está dentro. Este tipo que anda aqui, mascarado de elefante, deve ter má pinta. Isto é um perigo! Tu és uma teimosa, com a mania das festas!

CRIADA (aparecendo mascarada de dominó) — Minha senhora, levaram o guarda-pratas!

D. GERVÁSIA — Ai, o que vai ser de nós!?

O DONO DA CASA (para o elefante, que anda por ali) — Eu não te dizia?

ELEFANTE — V. Ex.ª disse alguma coisa?

O DONO DA CASA — Perdão, equivoquei-me! (para a mulher) Vou dar uma vista de olhos à sala de jantar.

UM SENHOR VESTIDO DE PIERROT (para a D. Gervásia) — V. Ex.ª dança?

(D. Gervásia dança. No final dá por falta dos brincos, da pulseira e dos dois anéis).

D. GERVÁSIA (indo ao encontro do marido) — Meu Deus!... Isto é uma gatunagem perfeita. Levaram-me as jóias que tinha comigo! Não podemos fazer escândalo; pode ser que reponham tudo, e isto seja uma simples brincadeira! (noutro tom) Então, o que é que levaram da sala de jantar?

O DONO DA CASA — Tudo. Inclusive até levaram a instalação eléctrica!

D. GERVÁSIA — Padre, filho e Espírito Santo! Viram-te disfardado de camelo, pronto!...

A CRIADA (chegando) — Minha senhora, as duas galinhas e os bifes que estavam na cozinha, marchou tudo!

D. GERVÁSIA (quase sem fala) — O' camelinho da minha alma, como vai ser isto, agora?! Vamos ficar mal vistos perante esta gente toda! O que dirão as Brito, as Lopes e as Guimarães?! Vê se vais comprar mais alguma coisa!

O DONO DA CASA — E o que dirão o padeiro, o merceiro, o dono da «chatecuterie»?!

D. GERVÁSIA — Lembra-te do nosso nome!

(O marido, cada vez mais camelo, sai pelo F.).

CRIADA (de novo) — Minha senhora, já levaram o fo-

gão e agora estão a arrancar os ladrilhos da chaminé!... O melhor será deixar entrar o meu noivo que é bombeiro, a ver se descobre os laráprios! Ele vem mascarado de urso!

D. GERVÁSIA — Que entre... que entre...

(O «urso» entra na sala. Vai direito a um armário e deita logo a mangueira).

CRIADA — O meu ursinho é de muito alimento, não faz nada de jeito sem a pança bem cheia!

D. GERVÁSIA — O que vai ser mim?!

2.º ACTO

O DONO DA CASA (entrando e vendo que já lá não está nem o piano nem o candellabro) — O que vai ser de mim?! (solbe para um banco, a fim de fazer um pequeno discurso. Tira a máscara) — Minhas senhoras e...

VOZES — Enã!, o dono da casa já não é camelo!

O DONO DA CASA — Felizmente, meus senhores. Tenho uma infeliz notícia a dar-lhes! (um nabo aponta-lhe em cheio no nariz)... Ninguém pode sair desta casa sem ser revistado. Desapareceram-me a loiça e os talheres, as mesas e as cadeiras. A instalação eléctrica da sala de jantar não a encontro em parte alguma! O fogão, o guarda-pratas e o frigorífico devem estar no bolso de algum dos convidados! E' favor verem se por engano não meteram alguma destas coisas na algibeira!

(Tumulto. As taçadas ficam suspensas. Tudo se olha desconfiado, apalpan-do os bolsos, não fosse algum brincalhão fazer-lhes partida).

CRIADA (entrando aflita) — Desgraça, desgraça! Acabam de roubar a senhora!

O DONO DA CASA (irritado) — Que diabo é que lhe roubaram mais?

CRIADA — Mais nada, patrão, foi só a senhora em carne e osso! Foi um sujeito de bigodinho!

O DONO DA CASA (como doido) — E a senhora não gritou?..., não chamou por ninguém?!

CRIADA — Nada disso! A senhora até ia muito contente a dizer assim... Até que enfim chegou a hora, meu elefantezinho!

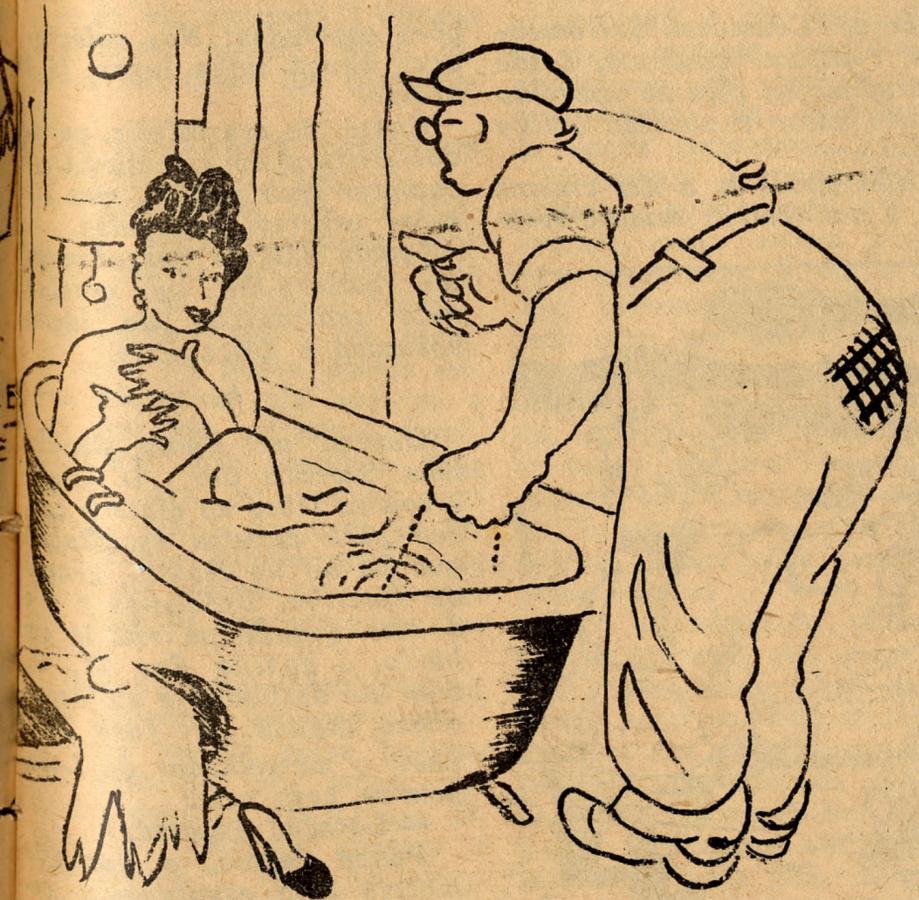
O DONO DA CASA — Eu logo vi que isto de meter o Jardim Zoológico cá em casa tinha água no bico!

(Sai pelo F. e vai-se suicidar para a casa de banho).

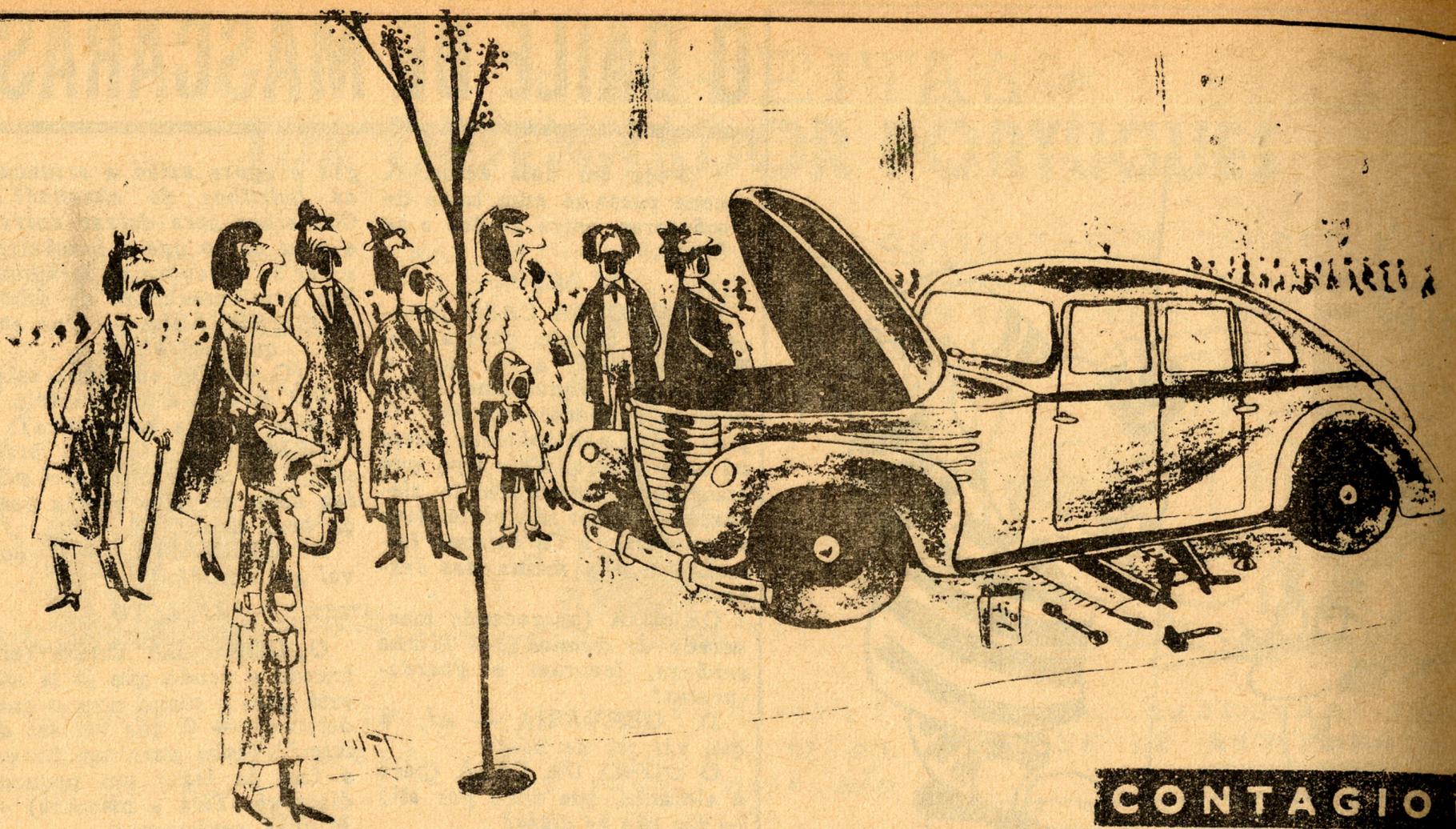
O ELEFANTE



ESPERTEZA



Socegue menina! Eu só venho ver se está entupido...



CONTAGIO

VEJA SE ACERTA!

Emílio Salgari foi um pintor, um vendedor de faturas ou o principal intérprete do filme «O Vale Era Verde»?

(Ver resposta na página 18)

O Homem dos Esgotamentos

Devia ter nascido com as forças esgotadas, este pobre Januário. Não pôde nascer na Maternidade porque a lotação estava esgotada, de modo que veio á luz do dia, em sua casa, fazendo esgotar a paciência ao pobre pai, que esteve ser dormir duas noites á sua espera.

Muito enfezado, o Januário teve a infelicidade de ver que o leite de sua mãe, se esgotava. Então, passou a alimentar-se de farinhas, fazendo esgotar todos os «stocks» dos merceeiros da capital.

Cresceu e, como todos os mortais que não querem exercer durante a vida a profissão de burros, quis entrar para a escola — mas não entrou porque a lotação estava esgotada!

Entrou no ano seguinte, esgotando o cérebro, o dinheiro do pai e o bestunho dos mestres.

Quando tentou arranjar emprego notou, desapontado, que em todas as oficinas, escritórios, Bancos e agências de se-

guros a lotação dos empregados estava completamente esgotada.

Muito mal singrou na vida. O dinheiro era pouco e esgotava-se com facilidade.

Ele sabia que os «esgotamentos» o perseguiam desde

o berço. Consultou quiromantes, comprou amuletos, desde a tradicional figa ao chavelho muito nosso conhecido (salvo seja!).

Não podia ir a um cinema ou a um teatro: sempre lota-

ções esgotadas! Nos «eléctricos» nunca tinha lugar, já é sabido.

Como ele era infeliz, coitado! Pensou no suicídio. Quis comprar uma pistola, mas até essas estavam esgotadas.

Aquela palavra «esgotamento» bailava-lhe no cérebro num redemoínho de ideias absurdas e desconexas.

★

Ontem, na Baixa, deu-lhe uma trmenda dor. O infeliz levou as mãos ao cinto e correu para aquelas escadinhas que há ali no Rossio, género de «metro». Desceu-as a 4 e 4 mas quando se viu lá em baixo, o guarda dos W. C., com um desplante e um cepticismo dignos de José Fouchet, o metrelhador de Leão, saiu-se com esta:

— Lotação esgotada!

Pouco depois, o Januário morria dum esgotamento cerebral.

Quando for a enterrar é mais do que certo que no cemitério a lotação também estará esgotada!



— Por quanto aluga o burro?
 — Depende do tempo!
 — Bem... com este tempo de chuva?!...

NORTADAS

Aborrece-me o Carnaval. Sempre me aborreceu. Não existe gosto para os disfarces, não há engenho para as graças, não há dinheiro, estamos mais tristes que um milionário com uma ulcera no estômago. Na minha larga vida — já fiz vinte e cinco anos, e aquele que nos megue puxo pelo bilhete de identidade, e prantá-lo diante dos olhos — só uma vez, uma máscara conseguiu entreter-me com o seu talento cômico.

Era um infeliz rapaz, com cara de fuinha, esmirrado e fama de tonto na Repartição onde prestava os seus serviços. Fazia namoro, platonicamente, defronte da janela, á filha do seu chefe, e tinha calos na cara de aguentar as bofetadas que lhe dava o seu pseudo sogro, cada vez que o encontrava diante da sua porta, exercitando-se em telegrafia sem fios. Várias vezes intervieram nas questões máculas os seus companheiros, aconselhando-o a que desistisse daquele enamoramento a acalmando as iras do apressor, que havia jurado acabar com ele ás bofetadas, na impossibilidade de o matar á fome, exonerando-o, porque o coitado gazava de boas recomendações.

Mas aquele palerma possuia o espírito de sacrifício de um Asis. Encolhendo os ombros, colocava, paciente, mercurio-cromo nos arranhões e alvaiade nas equimoses. Um dia, sem embarços, assombrou os seus amigos com uma declaração galhardíssima:

— Se ele continua a dar-me bofetadas, aposto cem escudos em como lhe saem caras.

As gargalhadas ouviram-se na Praça de D. Pedro V!...

— Repito-vos, que se continua esbofeteando-me, lhe há-de custar muito caro, porque já me inchou o nariz.

A segunda parte era certa. O nariz do pobre pateta havia adquirido um volume e um colorido estranho, resultado das suas ousadias. Mas fazer cara ao sogro, nem pensar nisso. A quem ia fazer frente áquele quarto de quilo de homem que não podia com os processos do Arquivo!

Insistiu com veemência, no seu programa belicoso:

— Se me dá outra bofetada, paga-ma. Por estas, que tenho debaixo das cruzes do adesivo! Quereis apostar o vencimento?... Não! Quinhentos escudos!...

Apostado. Quinhentos escudos e uma ceia para todos. No prazo de vinte dias, valeu!...

Isto acontecia nos primeiros dias de Fevereiro.

★

Nas primeiras semanas foi uma paródia na repartição:

— Quê! E' lá capaz disso!?

Estava a terminar o prazo sem que houvesse cumprido a sua promessa:

— Tens já os quinhentos escudos?...

— Tenho, mas para os gastar com os quinhentos vossos! Se quereis presenciar o próximo encontro, é domingo, na baile da Sociedade.

— Ali? Com tanta gente?

— Ali, com tanta gente, á vista de todos.

E mostrava os punhos com arrogancia, cuspidando para o lado.

★

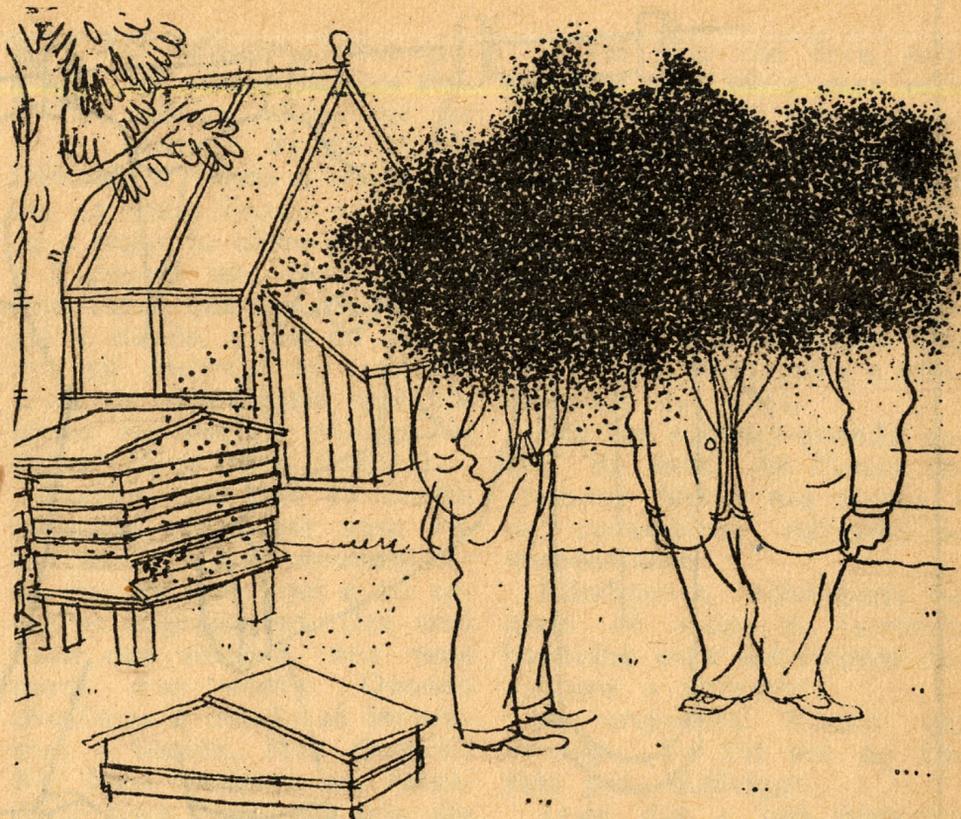
A Sociedade Filarmónica das Lavadeiras de São Mamede Infesta, como tantas outras sociedades, dava o seu baile de máscaras, com distinção. Presidia á Sociedade o senhor Manuel Sulon, chefe da Repartição onde o nosso protagonista era escriturário de segunda classe, e pai da Dulcineia que, por sua iniciativa, havia arranjado entre muitas outras coisas, um concurso de máscaras, com prémios de mil escudos.

Fervia a juventude nos salões, agitando-se em foxes e tangos. Os companheiros da aposta genial esperavam em vão.

Não ocorria nada. Debaixo de nenhum disfarce podia suspeitar-se que estivesse o pobre enamorado. A dama dos seus pensamentos, vestida ricamente de «Dama Antiga», conversava e ria com cinco ou seis rapazes, vestidos de guerreiros, de pierrotes, de «cow-boys», de cavalheiros da época romantica...

E chegou o momento dos prémios, avançavam até ao estrado, onde estava o juri, os pretendentes. E, entre eles, uma máscara horrível, parecida com um dos «faz-tudo» do circo, com um fraque inverosímil e um chapéu absurdo, umas calças desopilantes e uma gravata encarnada, grande, sobre um peito coberto de adereços e umas botas que se riam pelas pontas e pelos tacões.

Iam a assobiá-lo violentamente quando ele, com um gesto admirável, tirou os bigodes postiços. Era ele! Com a ponta dos dedos enviou um beijo á sua adorada prenda. O senhor Manuel Sulon, cego, furicundo, inexorável, prendeu-o pela gola do casaco, dando-lhe fortes palmadas na cara. A cada uma retribuía com uma reverência, cada bofetada inspirava-lhe uma saudação com graça, ca-



— E agora por abelhas?!...



«Querida Micas... Os nativos, aqui, são muito civilizados, já me estou a adaptar aos seus bons costumes!»

dá punhada, um muito obrigado! Versalhesco...

Ea gente ria de tão bela interpretação, de tão singular cena.

— O primeiro prémio, o prémio a este. E' um palhaço incopiável!... E' o unico, é magnífico! O prémio... O primeiro...

E tiveram de lhe dar o prémio. Havia feito mais que disfarçar-se: havia vivido o seu disfarce. Ante o clamor do publico, o verdugo cedeu. Os mil escudos concedidos pelo próprio senhor Manuel

Sulon para o concurso passaram para as mãos do triunfador insigne. A aposta foi ganha muito bem, diante de toda a gente, como se tinha combinado.

— Se me dá uma bofetada, paga-ma.

Deu-lhe umas vinte por mil escudos. Não foi mau negócio.

E, de gorgeta, os quinhentos escudos e a ceia dos companheiros.

Acabou a arte do Carnaval!...

Mário Norton

Dez partidas

carnavalescas

1.^a — Telefonar a um determinado sujeito, dizendo-lhe que a sua sogra, que estava gravemente enferma, se encontra já de perfeita saúde!

2.^a — Meter na carteira duma senhora uma girafa do Jardim Zoológico!

3.^a — Tirar o simbório da Estrela e colocá-lo na Graça!

4.^a — Escrever uma carta a um amigo pedindo-lhe 500\$00 emprestados!

5.^a — Comprar bilhete para todos os cinemas e ir só ao teatro!

6.^a — Meter-se na primeira bicha que encontre e esperar que chegue a sua vez. Quando tal aconteça, deitar a língua de fora ao funcionário e ir-se embora sem comprar nada!

7.^a — Esconder os próprios sapatos e ficar em casa muito aborrecido sem poder sair!

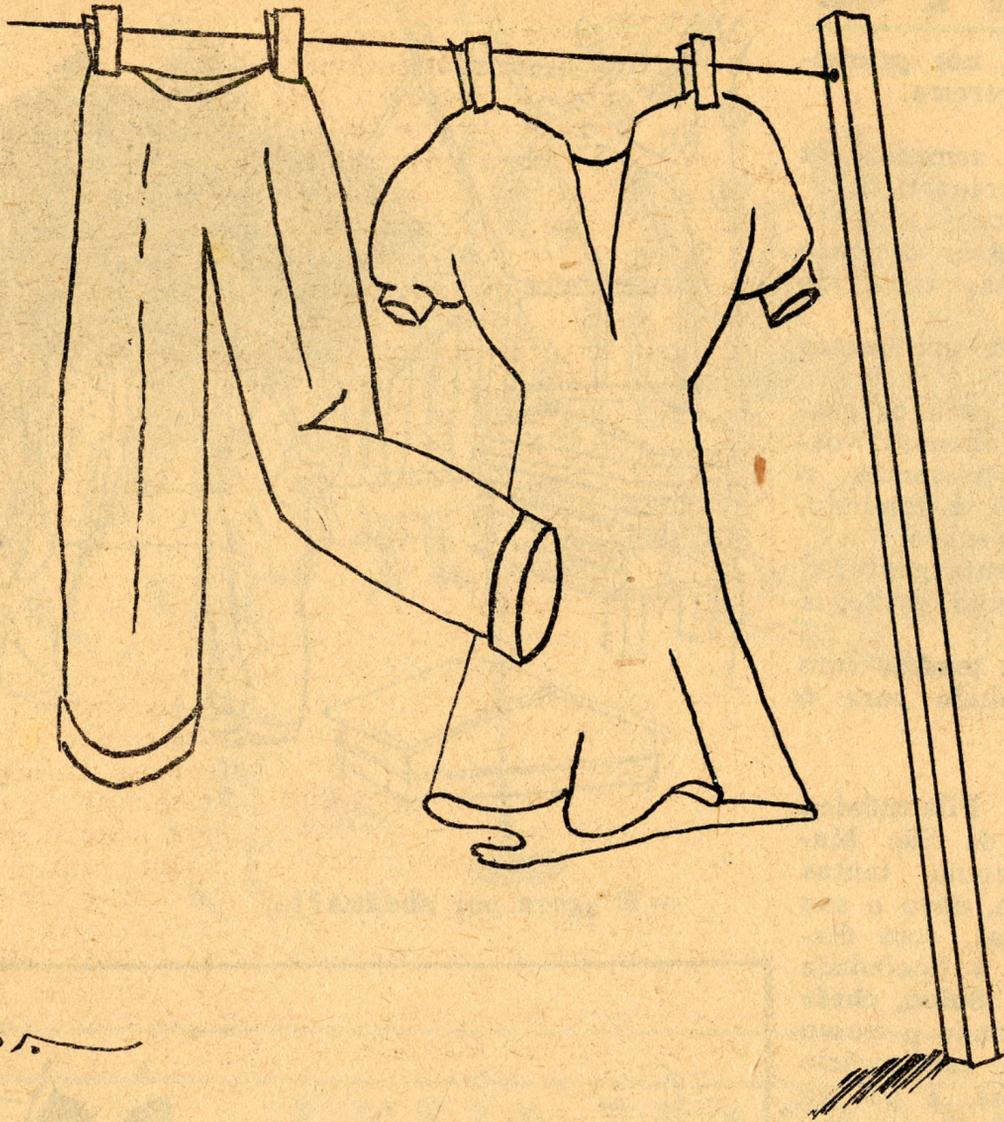
8.^a — Meter-se na cama e deixar a mulher ir sózinha para o baile!

9.^a — Tomar um avião e atirar-se de cabeça cá para baixo!

10.^a — Enviar uma carta a um vizinho, com caligrafia diferente, ir a um marco distante, depositá-la e não dizer a ninguém os palavrões que lá escreveu.

O texto será o seguinte:

— «O chéché já fez chichi!...».



— Vê lá se estás quieto porque agora não faz vento...

«TREZE»

Certo dia a D. Salusmina lembrou-se de fazer anos (para manter a conta, esquecia-se de vez em quando), e o sr. Tobias, seu excelso marido, resolveu comemorar o facto condignamente e reuniu concílio para escolha de convidados.

Seriam: o menino Fernandinho, rapaz das melhores intenções e famílias e interessado pela Lili; o primo em 3.^o grau, de nome Lopes e, de profissão electricista encartado (vendia parafusos para instalações eléctricas); a D. Almira, conjugue do sr. Lopes e que fora colega da D. Salusmina na Escola Comercial de Feixe de Palha Dentre-dobolso; o dr. Almerindo, velho boticário e credor da casa, desde os tempos do garrotinho da Lili. (O dr. tinha sido herança dum padrinho cônego); o sr. Almeida, vizinho do lado, dono duma padaria e possuidor duma unha encravada; a D. Etelvina, mulher do padeiro e sócia do Benfica; o Zéquitas, menino prodígio do par atrás citado, que mete os dedos no nariz e na perfeição, e possuidor dum inegável reportório no capítulo das asneiras; o sr. Noronha, chefe da repartição

do Tobias e, portanto, possuidor do futuro e felicidade do lar. E, para fazer a duzia, o padrinho Barnabé, que morava na Cova do Vapor, sofrendo dum misto de gota e reumático e possuindo um prédio na rua da Betesga.

O Tobias lá fez uma ginástica formidável para conseguir as «crôas» necessárias e suficientes, mas o que é verdade é que no tal dia lá estavam todos na sala de jantar preparando-se para dar início ao... Quando, subitamente (nesta passagem o leitor pode imaginar uns compassos o mais trético possível que haja no mercado), a campainha gaguejou (defeito propositado para se pouparem uns Kilowatts).

— Oh, Maria, vai abrir a porta — disse a D. Salusmina — deve ser o carvoeiro com o «champanhe».

Dai a pouco volta e diz para o Tobias:

— Está lá dentro uma pessoa que lhe quer falar.

— Comigo?... Bem, os meus amigos desculpem-me... — e raspou-se.

Passados uns momentos, volta e diz para a Salusmina:

— Calcula quem ali está

dentro! o Alberto!... Já o convidei para jantar,

— Oh!, que maçada! — e passeando os olhos pela mesa acabou: — Assim seremos 13 á mesa.

— Ora, a ligares a superstições...

— Não são superstições!... Não vês tu que o nosso serviço é só de 12 pessoas!

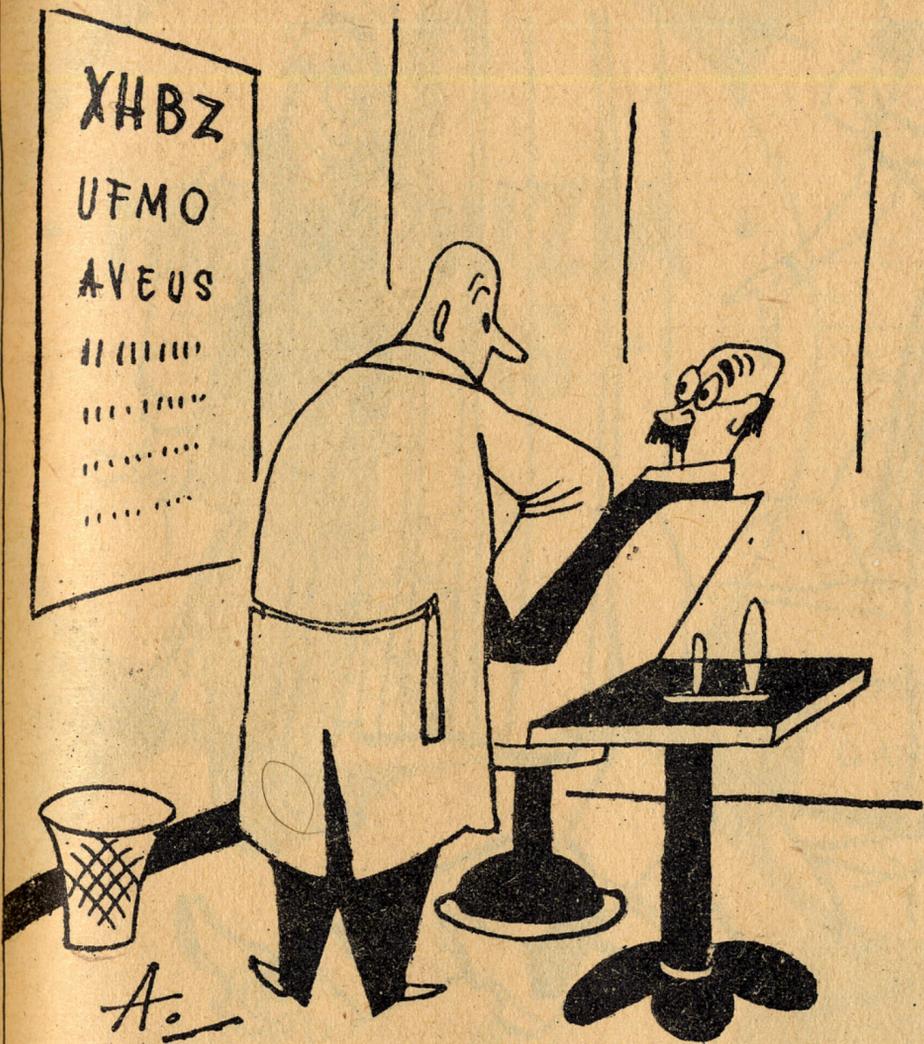
«ALCAGOITAS»



NOVOS RICOS

— Não sopres na sopa, Vitória; chama o criado...

MEMORIAS DUM DETECTIVE



— Agora, leia o indicador!
 — Vi-nho do Car-ta-xo... Acertei?...

NÃO julgue o leitor que as minhas tristes memórias acabaram no numero 23 de 16 de Dezembro! Como o leitor sabe, eu tinha ficado na estrada a jogar às cinco pedrinhas e á espera que passasse algum carro que me conduzisse até á cidade, a fim de capturar ou destruir os terríveis «reis da sabotagem» que punham em perigo trilhões de vidas! (Que linda tirada!).

Podem crer que só ontem consegui um lugar num velho carro quase desmantelado que deixava aqui e ali todas as engrenagens. Ora uma roda que saltava, ora uma porta que voava. Quando chegámos á cidade só levavamos a busina. Mas cheguei! Fui logo comprar um calendário para saber em que dia estava. Mas como já não sabia o mês e a semana, fiquei na mesma.

— Que dia é hoje? — perguntei a um sujeito que lia o jornal.

— Olhe, não sei, tenho o relógio parado. Pergunte ali ao polícia.

Fui perguntar.

— Não sabe que estamos no Carnaval?

— Eu sabia, o que não tinha era a certeza!... Muito obrigado.

E fui pela rua fora, procurando uma ideia para capturar «os reis da sabotagem».

Como acontece em todos os folhetins, fui-me deitar e sonhei com os bandidos. A' noite, iriam a um baile de máscaras!

Levantei-me eram 8 horas, 7 minutos e 6 segundos. Fui alugar uma vestimenta e mascarei-me de zebra.

Foi um sucesso quando entrei na sala. As damas faziam-me festas nas riscas e os cavalheiros miravam-me desconfiados.

Finalmente, achava-me no meio de todos os terríveis bandidos cuja sabotagem devastava o universo!

A orquestra atacou um «swing». Eu fui até ao bufete para disfarçar.

Ia-se dar o que ninguém espera. Sorrateiramente, fui até um canto mais escuro, meti a mão ao bolso e, com toda a minha força, atirei uma bomba atômica para o meio da sala. Não escapou ninguém, excluindo eu, que fugi atrapalhadamente, indo-me refazer do susto para o W. C. — Wenceslau Colbert, dancing moderno, do mais requintado gosto.

A.B.C.D.E.F. x 5
 FINIS

COISAS DO CARNAVAL

O Januário encontrou o Malaquias perdidinho de bêbado, no Domingo Gordo.

— O' homem, já nem te endireitas!... Deixa lá que eu vou-te levar a casa!

O outro balbuciou algumas palavras indistinguíveis e deixou-se conduzir pelo Januário (vocês conhecem o Januário? Também não é preciso).

Quando chegaram ao rés-do-chão da Rua Maria Pia, onde morava o Malaquias, o seu companheiro, ou pelo contacto do bafo do álcool ou porque também já tinha bebido alguma coisa, não se sentia muito bem. No entanto, estava melhor que o outro e ajudou-o a entrar em casa.

Não via lá as coisas muito bem. Contudo, ainda reparou que a cama do Malaquias era como a dos príncipes, tinha cortinado á volta. Como tinha muita força, pegou nele e catrapuz, arredou um pouco a cortina e empurrou-o para a cama.

Muito satisfeito, saiu. Quando chegou á porta julgou ter uma alucinação: o Malaquias aos «esses» e «esses» ia a caminho da porta.

— Como diabo estás aqui?!

Isto são artes do demónio ou é partida carnavalesca?

Tornou a pegar nele e a atirá-lo para a cama.

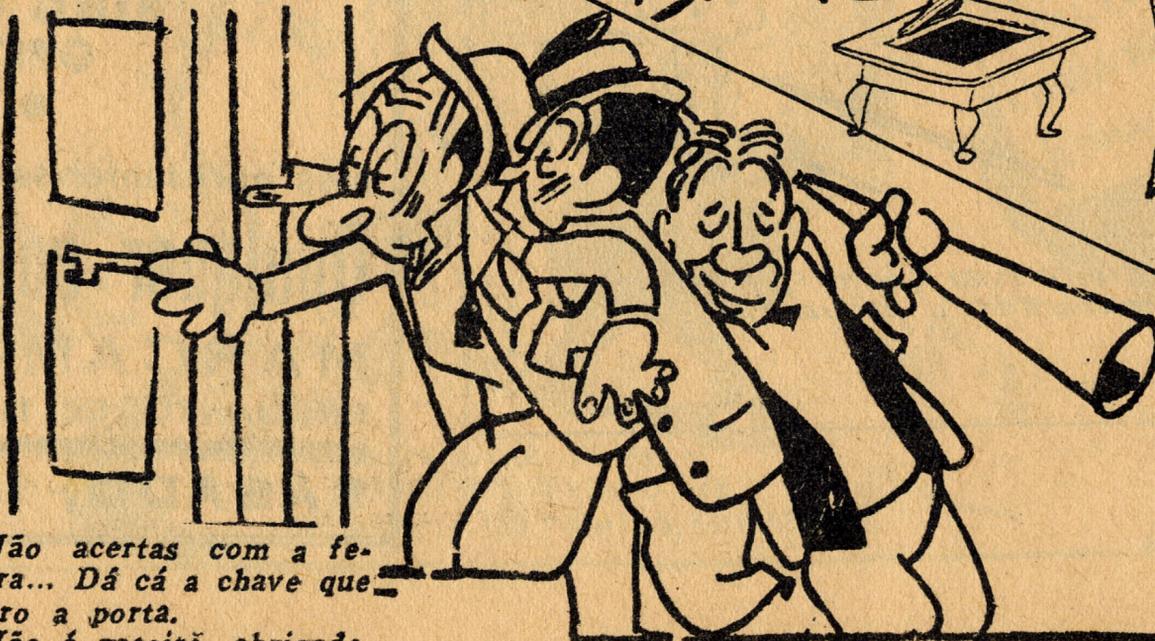
Qual não foi o seu espanto que ao sair tornou a encontrar o Malaquias na rua.

E assim aconteceu durante trinta vezes.

★

O Januário endoideceu sem nunca saber que atirara o seu amigo 30 vezes pela janela fora.

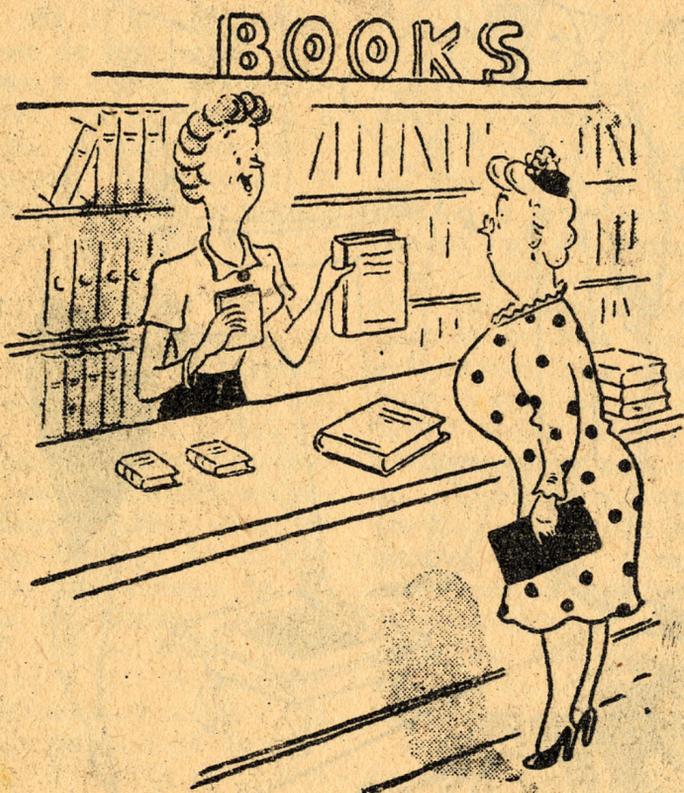
— Custa-me que a senhora prove tantas meias, mas que quer... a minha mulher é muito exigente...



— Não acertas com a fechadura... Dá cá a chave que eu abro a porta.

— Não é preciso, obrigado, mas segurem vocês a casa...

... NÃO TEM IMPORTÂNCIA PAPÁ... FOI APENAS UMA SIMPLES TACADA...



... E este livro grande, é para manuscritar o pequeno...

Sábado 14 de Fevereiro às 20,30 e 22,45
no **MARIA VITORIA**

DESPEDIDA DE

LUIZ PIÇARRA

do elenco deste Teatro

com o maior «show» musical de Portugal
e dos Algarves, d'aquem e d'alem-mar

não se apresentam

CHARLES BOYER
FRANK SINATRA
BING CROSBY
GRETA GARBO
e Dorothy Lamour



mas apresentar-se-à

Qualquer coisa de sensacional

MARCAM-SE BILHETES
ENQUANTO SE NÃO ESGOTAR A LOTAÇÃO

SÁBADO, 14 DE FEVEREIRO

